



UNIVERSIDADE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRO-UNILAB  
INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

PETI MAMA GOMES

“SER MULHER AFRICANA E ESTUDANTE NO CONTEXTO DE DIÁSPORA:  
ALGUNS ASPECTOS DO COTIDIANO DE ESTUDANTES GUINEENSES NO MACIÇO  
DE BATURITÉ-CE”

REDENÇÃO – CE

2016

UNIVERSIDADE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRO-UNILAB  
INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

PETI MAMA GOMES

“SER MULHER AFRICANA E ESTUDANTE NO CONTEXTO DE DIÁSPORA:  
ALGUNS ASPECTOS DO COTIDIANO DE ESTUDANTES GUINEENSES NO MACIÇO  
DE BATURITÉ-CE”

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito necessário para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

**Orientadora:** Prof. Dr<sup>a</sup> Marina Pereira de Almeida Mello

REDENÇÃO-CE

2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira**

**Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)**

**Biblioteca Setorial Campus Liberdade**

**Catálogo na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos CRB-3 / 1219**

---

Gomes, Peti Mama.

G616s

Ser mulher africana e estudante no contexto de diáspora: alguns aspectos do cotidiano de estudantes guineenses no maciço de Baturité-CE. / Peti Mama Gomes. – Redenção, 2016.

67 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Pereira de Almeida Mello.

Inclui figuras e referências.

1. Diáspora africana. 2. Estudantes africanos. I. Título

CDD 305.896081

---

## **BANCA EXAMINADORA**

---

ORIENTADORA: Prof. Dr<sup>a</sup>. Marina Pereira de Almeida Mello

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

---

Primeiro Examinador: Prof. Dr. Vera Regina Rodrigues da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

---

Segundo Examinador: Prof. Dr. Ricardino Jacinto Dumas Teixeira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## LISTA DE FIGURAS

Figura: 1-Mapa

Figura: 2- estudante mãe

Figura: 4\5- crianças com brinquedos.

Figura: 6- pesquisadora no campo

Figura: 7-Bolo de aniversário

Figura 8-9 - Refeição

Figura: momentos de lazer-14, 15 e 16

Figura: 17\18-Menina com brinquedos

Figura: 19, 20 e 21- O cuidado e tarefas da casa

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos os que sempre me ampararam e em especial ao meu pai Nantú Gomes, à minha mãe Blandim Mendes e a minha madrastra Aissatú Mendes. À professora Dr<sup>a</sup>. Marina Pereira de Almeida Mello. Aos amigos que contribuíram direta ou indiretamente neste trabalho, e em especial a minha querida Irmã Ivete Gomes.

## AGRADECIMENTO

Agradecer é reconhecer a presença ativa das pessoas que constroem pontes e caminhos que nos levam à felicidade, pessoas que jamais nos deixam arrefecer. Pessoas que fazem parte da nossa vida, sempre estão ao nosso lado, e fazem do nosso hoje uma oportunidade para metamorfosear nossos sonhos em realidade.

Este trabalho e o meu percurso acadêmico, até aqui, não podia ter sido realizado sem a inestimável ajuda, a motivação, a colaboração desses sujeitos diversificados em suas instituições.

Com isso quero em primeiro plano penhorar o Excelso Criador, Deus de infinita bondade, pelo fôlego da vida, pela saúde, força e coragem que me concedeu, e ainda me concede. Regraciar o meu pai e a minha mãe, Nantú Gomes e Blandim Mendes, respectivamente, sem esquecer-se da minha madrastra Aissatú Mendes, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Ainda aos demais familiares estendo os meus agradecimentos, aos meus irmãos e sobrinhos, Joãozinho Gomes, Ivete Gomes, Cristim Gomes, Vicente Gomes, Arnú Gomes, Lourenço Gomes e a caçula Carla Nantú Gomes que tiveram maturidade de entender minha ausência pelos motivos dos estudos, grata por isso, ainda agradeço por terem percebido que o futuro construído a partir de constante dedicação no presente.

Aos meus primos e prima, Farã Vaz, João Manuel Vaz e Helena Mendy, agradeço de coração pelo laço de familiaridade e pelas partilhas e quero assim de maneira especial, dirigir-me ao meu Farã Vaz, pela sua presença ativa na minha vida pessoal, e também na vida acadêmica e que sempre se fez presente nas elaborações dos meus trabalhos, dando as suas valiosas contribuições. De igual modo, agradeço os meus tios e tias: José Manuel Vaz, Letú Gomes, Marie Mendy.

A vida me ensinou que a família não é só aquela biológica, mas também aquela que o destino nos dá, com isso, quer aqui com toda honra e respeito, comunicar e declarar para minha querida e amada orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marina Pereira de Almeida Mello, que a senhora é mais que uma mera orientadora, mas sim uma mãe para mim. Quero, igualmente, reafirmar o meu apreço e consideração pela disponibilidade que teve e pelas inúmeras correções ao trabalho. Carrego tudo isso comigo como um exemplo de profissionalismo. Meu muito obrigado e que Deus lhe faça chegar aos mais altos lugares da vida.

Agradeço a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), seus excelentíssimos professores, permitam me destacar Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marina, Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Ricardino Texeira, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Artemisa Odila Monteiro Candé, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera

Rodrigues, e Prof. Drº. Bas´ille Malomalo, os técnicos administrativos e aos servidores de instituto de Humanidades e Letras, em especial a minha querida irmã, amiga, Leiliane Pontes.

Agradecer meu namorado Imelson N´tchala C, pelo seu amor, carinho e por sempre me apoiar nas horas difíceis e entender muitas vezes a minha ausência, falta de carinho e atenção durante a realização desse trabalho.

Também quero aqui de uma forma oficial agradecer as minhas interlocutoras participantes na pesquisa, meu muito obrigada pela coloborao e tempo dispensado. Aos meus companheiros de luta, amigas, colegas, cunhadas e cunhados estendo os meus sinceros e profundos agradecimentos: Juvinilda, Satumata, Delce Barros, Nem Bia, Munira e Elia Maria Leandro Uangna. Aos demais companheiros, Luísa Pinto Semedo, Arete Mendes, Dingana Paulo Faia Amona, Domingos Mula C Junior, Felix Imbali S, Daiana Fernandes Imbunde, Domingas Fernandes, Abibatu Djal, Medilanda A.Tubento, Roberta Antnio Ampessa, Nomia Monterio, Leonel Vicente Mendes, Velamina Fernandes, Geneviene Malaco Teixeira, Bruno Djon C, Joselino Guimaraes, Lino Bacai Sanha, Alberto João M´batna, Jesus João M´batna, Faustino, Ami, Ianes Augusto C, Felisberto Alberto Mango, Juel da Silva, Uren Da Costa, Tamilton Teixeira, Armando Correia, Barnabs Augusto C, Vaz Pinto C, Rumisio Correia e em especial a minha querida madrinha Leodinilde Pinto Caetano.

Enfim os meus profundos agradecimentos a toda comunidade acadêmica e guineense na Unilab.



**“Um mon kata toka palmu”**

**1**

---

<sup>1</sup> Tradução: *Uma mão não bate as palmas*

## **RESUMO**

A ideia de estudar a situação das mulheres guineenses em situação de diáspora na região do Maciço de Baturité surgiu a partir das reflexões oriundas de minhas próprias experiências nos debates acadêmicos, rodas de conversa na própria universidade, bem como devido a um interesse acadêmico particular no que diz respeito às relações de gênero articuladas à dimensão da diáspora africana. O método etnográfico foi escolhido tendo em vista a imersão no campo de maneira mais “visceral”, ou seja, a etnografia como método de apreensão da realidade e como “escrita” permite que eu não me “omita” e que o campo não apareça para mim ou para meu presumido leitor ou leitora, como um “objeto” distante e concreto. Tratamos neste trabalho de mulheres imigrantes em trânsito, definindo, portanto, as estudantes guineenses como sujeitos desse trabalho. Desse modo, as subjetividades de que trato não são, de modo algum, alheias às circunstâncias de minhas próprias experiências como estudante, mulher e guineense. Entendo a dimensão “cotidiana” como importante nesse trabalho, que pode contribuir para o debate acadêmico no seio da UNILAB, seja em termos qualitativos, seja a partir da leitura dos dados quantitativos que procuraremos sistematizar. Por outro lado essa pesquisa pode servir como uma reflexão sobre o tema entre as alunas e alunos do curso de Ciências Humanas desta Universidade que, assim como eu, se interessam pelo tema da condição feminina e relações de gênero em contextos africanos e da diáspora.

**Palavras-chave:** Gênero. Guiné-Bissau. Mulher Africana Mãe. Diáspora.

## ABSTRACT

The idea of studying the situation of Guinean women in a diaspora situation in the region of *Maciço de Baturite* arose from reflections from my own experiences in academic debates, talk wheels at the university, as well as from a particular academic interest in what refers to gender relations articulated to the size of the African diaspora. The ethnographic method was chosen with a view to immersion in the field in a more "visceral" way, that is, ethnography as a method of apprehending reality and as "writing" allows me not to "omit" and the field does not appear for me my presumed readers, as a distant and concrete "object". We deal with this work of immigrant women in transit, therefore defining the Guinean students as subjects of this work. In this way, the subjectivities that I deal with are in no way unrelated to the circumstances of my own experiences as a student, a woman, and Guinean. I understand the "everyday" dimension as important in this work, which can contribute to the academic debate within UNILAB, be it in qualitative terms, or from reading the quantitative data that we will try to systematize. On the other hand, this research can serve as a reflection on the subject between the students and students of the Human Sciences course of this University who, like me, are interested in the subject of the feminine condition and gender relations in African and Diaspora contexts.

**Key-words:** Gender. Guinea Bissau. African woman. Mother. Diaspora.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 - UM JEITO DE <i>ENTRAR NO CAMPO</i> .....</b>	<b>15</b>
1.1 O método etnográfico .....	15
1.2 O uso da fotografia na etnografia ou acerca da fotoetnografia.....	17
1.3 A fotografia como um instrumento de narrativa.....	19
<b>CAPÍTULO 2 - SOBRE OS CONCEITOS DE GÊNERO E DIÁSPORA .....</b>	<b>20</b>
2.1 Diáspora e diáspora negro-africana .....	21
2.2. Diásporas negro-africanas .....	21
2.3 Gêneros como uma construção social .....	23
2.4 A construção social de “ser mulher e ser homem” .....	24
2.5 Mulher em Guiné-Bissau.....	29
<b>CAPITULO 3 –SER MULHER E SER GUINEENSE NO MACIÇO DE BATURITÉ .</b>	<b>33</b>
3.1. Guiné-Bissau e Maciço de Baturité .....	36
3.2. Entre devaneios, sonhos e os primeiros impactos com a realidade vivida no Brasil .....	38
3.3. Sobre a chegada das mulheres guineenses no Ceará .....	42
3.4. Primeiros momentos: desafios e adaptações .....	43
3.5. Imergindo no campo .....	45
3.6. Rotina cotidiana das estudantes guineenses envolvidos na pesquisa.....	46
3.7. Como essas mulheres se definem enquanto guineenses? .....	47
3.8. Ser mulher e guineense em uma situação de deslocamento .....	50
3.8.1Experiências .....	51
3.8.2 As experiências e desafios das mães acadêmicas.....	55
3.9. 1. Rotina cotidiana das estudantes.....	56
<b>10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>11. REFERENCIAIS .....</b>	<b>64</b>

## INTRODUÇÃO

A ideia de desenvolver o estudo sobre as mulheres guineenses, em situação de diáspora, na região do Maciço de Baturité, surgiu a partir das reflexões acerca das minhas próprias vivências e experiências enquanto uma mulher guineense na diáspora. Afinal, como integrante desse conjunto, na condição de estudante do curso de Humanidades, pouco a pouco, na construção do trabalho em consonância com as relações surgidas no processo de orientação, julguei ser interessante conjugar as reflexões do âmbito acadêmico com questões relacionadas a identidade, alteridade e construção de subjetividades, mais especialmente procurando entender os conceitos de *gênero* e *diáspora*.

Assim, nesse trabalho, o capítulo 1 apresentará a metodologia escolhida: a etnografia. O método etnográfico foi escolhido tendo em vista a imersão no campo de maneira mais “visceral”, ou seja, a etnografia se afigura, ao mesmo tempo como método de apreensão da realidade e como “escrita” permitindo desse modo, que eu não me “omita” e que o campo não apareça para mim ou para meu presumido leitor ou leitora, como um “objeto” distante e concreto. Tratar pois, de jovens estudantes, residentes da região do Maciço de Baturité, imigrantes em trânsito – sujeitos desse trabalho, traz à tona subjetividades que de modo algum, me são alheias.

Ao contemplar a dimensão “cotidiana” da vida, em que as experiências de tais estudantes emergem, almeja-se contribuir para o debate acadêmico, não apenas no contexto da UNILAB, mas também naquilo a que se refere a reflexão das Ciências Humanas em contexto de migrações e diásporas.

Penso que seria importante, por exemplo, estender esse debate aos demais alunos e alunas desta Universidade. Tanto os que, assim como eu, se interessam pelo tema da condição feminina e relações de gênero em contextos africanos, mas, sobretudo para aquelas e aqueles que ainda não se atentaram para a importância dessas questões, nem o quanto têm de efetivamente relevante e necessário para nossos anseios de integração e internacionalização.

Deste modo, o campo (etnografia) propriamente dito: além das residências das alunas, dispus-me, como convém ao método escolhido, a acompanhar o cotidiano (envolvendo situações domiciliares, acadêmicas, deslocamentos etc) referente a seis estudantes, de cursos diferentes, conforme segue:

- duas estudantes do Bacharelado em Humanidades (BHU): uma residente na cidade de Acarape e a outra no município de Aracoiaba,
- uma estudante do curso de Ciências Biológicas que reside em Redenção,
- uma estudante do curso de Enfermagem, residente em Acarape,
- uma estudante de Letras também de Acarape,
- e por último uma estudante de Engenharia de Energia, do município de Antônio Diogo.

Assim, no capítulo 2, por meio dos conceitos de gênero e diáspora, propõe-se a reflexão sobre a maneira como se compreendem e se processam as relações – de gênero e, conseqüentemente a compreensão sobre parentesco, sexualidades, família em uma situação de deslocamento, de trânsito, que são algumas das acepções que nos permitem compreender o conceito de diáspora. No caso aqui, enfatizando que se trata de diáspora negra e africana.

Evidentemente que a partir daí, será inevitável contemplar também os conceitos de *raça* e *etnicidade*, pois as ideias sobre pertencimento (comunitário, nacional) são diferentes e, por vezes divergentes e contraditórias, na medida em que nos referimos à vida em Guiné Bissau ou no Brasil.

No capítulo 3, buscar-se-á apresentar esse campo em toda sua complexidade: sobretudo no sentido de se evidenciar que a vida dessas estudantes não se restringe a estudar. A partir dos conceitos de gênero e de diáspora, explorados no capítulo 2, a análise buscará articular essas duas dimensões para o entendimento do que se propõe.

Evidentemente esse trabalho não se pretende ter um caráter definitivo, de modo que algumas perspectivas não contempladas aqui serão apresentadas nas Considerações Finais, esperando como já foi dito, que sirvam de incentivo e inspiração para outras e futuras pesquisas.

## CAPÍTULO 1 - UM JEITO DE *ENTRAR NO CAMPO*

### 1.1 - O método etnográfico

Entendemos que qualquer investigação científica exige um levantamento de dados minimamente consistente. Para Antônio Carlos Gil (2010), a pesquisa etnográfica nasceu na antropologia, sendo usada normalmente para descrição dos elementos de uma cultura específica, como os comportamentos, crenças e valores, fundamentados nas informações coletadas por meio de trabalho de campo.

De acordo com Gil (2010:29), a pesquisa bibliográfica se afigura como um passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação. Tal pesquisa se desenvolve com base em material já elaborado e publicado, incluindo impressos, tal como livros, textos, jornais, teses, dissertações, para além de outras fontes como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material publicado pela internet.

Magnani, em discussão recente postula outro lócus para a prática etnográfica, entendida como um caminho de entendimento dos fenômenos culturais e sociais particular, desenvolvido pela ciência antropológica:

[...] o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se vêm, para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia. (MAGNANI, 2002).

Não se trata, portanto, de meramente observar ou acompanhar “atores sociais” no campo, mas de estar dentro do campo, perto e como parte do campo, partilhando na medida do possível, a existência e as subjetividades dos sujeitos.

Já em 1978, o pai da antropologia defendia que a antropologia como técnica passasse a ser entendida como um “estar junto” à cultura do pesquisado. A etnografia remetia ao entendimento da vida do outro na tentativa, por meio muitas vezes, de uma observação participante de modo a compreender o mundo a partir de ponto de vista daqueles que planejam estudar. (MALINOWSKI, 1978)

De forma grossa *Magnani argumente que a:*

“etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente”.(2009:135)

Ainda, o campo etnográfico pode compreender a realidade representada por meio de fotografias, documentos escritos, filmes e vídeos.

O pesquisador não apenas se depara com o significado do arranjo do sujeito, mas, ao perceber esse significado e se conseguir descrevê-lo nos seus próprios termos, é capaz de apreender essa lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores e percepção. (MAGNANI, p.2009)

Neste trabalho, pretende-se levar em conta alguns aspectos do cotidiano das mulheres guineenses no Maciço de Baturité, sobretudo aqueles que dizem respeito às relações de gênero na diáspora. Nesse sentido, nos reportamos a Rocha (2008), que afirma que:

a prática da pesquisa de campo etnográfica prova a produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre a pesquisadora (o) e o(s) sujeito(s) pesquisados que participam no contexto recorrendo primordialmente às técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não diretivas, etc. (ROCHA, 2008:01)

Portanto, a observação direta consiste necessariamente em investigar e aprofundar os saberes e as práticas no universo social para então, se reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana. Há que se desenvolver, portanto, uma atitude de disponibilidade para se descobrir novos elementos e dimensões do campo. Deste modo, emergirão aspectos desconhecidos ou pouco evidentes da realidade do cotidiano das estudantes guineenses, a partir deste relacionamento especial entre o pesquisador e seus sujeitos. (ROCHA, 2008:02)

É por uma razão muito profunda, que se prende à própria natureza da disciplina e ao caráter distintivo de seu objeto, que o antropólogo necessita da experiência do campo. Para ele, ela não é nem um objetivo de sua profissão, nem um remate de sua cultura, nem uma aprendizagem técnica. Representa um momento crucial de sua educação, antes do qual ele poderá possuir. (ROCHA, 2008)

Em resumo, essa pesquisa propõe-se analisar aspectos do cotidiano das estudantes guineenses da UNILAB, no que se refere às relações de gênero na diáspora, orientada pelo método etnográfico.



## **1.2 O uso da fotografia na etnografia ou acerca da fotoetnografia.**

Na opinião de Achutti (2006) a fotografia consiste no ato permanente de fragmentação de elementos de uma realidade em um plano. De tal modo, o autor ainda a caracteriza como importante aliada do olhar etnográfico, que nos conduz a uma narrativa visual mais profunda e verdadeira.

“Não existem fotografias que não sejam portadoras de um conteúdo humano e, conseqüentemente, que não sejam antropológicas à sua maneira. Toda fotografia é um olhar sobre o mundo, levado pela intencionalidade de uma pessoa, que destina sua mensagem visível a outro olhar, procurando dar significação a este mundo”.(SAMAIN apud ACHUTTI, 2006:83).

A fotografia como ferramenta de pesquisa de campo não se resume apenas ao texto na construção do sentido, mas trata-se de uma narrativa visual, de modo a vivenciar e construir sentidos sob outras bases. Partindo desse pressuposto, as fotografias que integram esse trabalho explicitam formas de ver, ouvir e participar do campo, de uma maneira que não privilegia apenas um ou outro dos sentidos: a voz ou a audição por exemplo. As fotografias explicitam outro modo de estar no campo.

Em vista dos argumentos apresentados, Geertz (1989), afirma que:

Desde muito cedo, etnógrafos das mais variadas correntes se valeram de máquinas fotográficas como uma forma de registrar sua passagem pelo campo.

Com mais ou menos sistematicidade se produziu um largo material fotográfico de inegável valor documental, e que, ao mesmo tempo, era apresentado como uma espécie de prova do “estar lá”. Algo que dotava o pesquisador de uma autoridade e uma legitimidade, pois se mostrava que ele de fato “esteve lá” observando como se poderia ver pelas fotografias. Enfim, era mais um elemento nas “estratégias de convencimento” que estes profissionais do distante se utilizavam na construção dos seus textos (Geertz, 1989:165).

Segundo Collier Junior (1973), a análise das imagens possibilita perceber detalhes de uma cena, que podem evitar a necessidade do pesquisador voltar a campo ou mesmo que ele perceba informações que não poderiam ter sido capturadas em forma de entrevista ou que não foram anotadas.

Nesse sentido, Max Kozloff (1986) nos diz que “a fotografia sempre foi mais hábil em retratar o que é a pessoa, em vez de quem é”. Segundo ele, geralmente não se tem uma visão do “ser interno do sujeito” (emocional e representacional), mas apenas do seu ser externo e a sua ambiência. (apud COLLIER JUNIOR, 1973: 165)

O uso da fotografia serve como um instrumento de pesquisa, isto é, de produção de conhecimento etnográfico, onde a fotografia é tomada como mais uma técnica de

documentação, junto com caderno de campo e o gravador, que se usa para registrar seus dados (GODOLPHIM:167).

“As imagens não se deveriam limitar a “reviver” um estar lá, mas sedimentar os alicerces do caminho da descrição interpretativa e auxiliar na articulação das tramas da indução, ajudar na compreensão das interpretações, e não apenas distrair a atenção do leitor entre o folhear das páginas.” (GODOLPHIM,1995:169).

Portanto, mais que um elemento de persuasão, a fotografia integra a narrativa acerca das alteridades e subjetividades contempladas em um processo que supõe uma perspectiva relacional e dialógica.

### **1.3 - A fotografia como um instrumento de narrativa**

Segundo Aumont (1993), uma narrativa seria um “conjunto organizado de significantes, e a partir dos significados se pode construir uma narrativa na base de um estudo realizado no campo.

Inicialmente, cabe salientar que a imagem fotográfica deve a maior parte do seu poder descritivo à sua capacidade de dispor elementos no espaço. É tomada como algo “natural” a espacialidade da fotografia, apesar de uma foto dificilmente conseguir expressar o deslocamento do fotografo nesse mesmo espaço. (GODOLPHIM, 1995: 176).

Como já havíamos mencionado antes, pretendemos nos valer das fotografias como recurso narrativo, ou seja, será também por meio das imagens captadas pelo nosso “olhar” que nosso presumido leitor ou leitora adentrará no campo. Portanto, mais do que meros acessórios ou “ilustração”, das fotografias emergirão significados que comporão a nossa análise do campo.

Novaes (1998) reforça a ideia da fotografia como algo mais flexível do que o texto, pela especificidade da sua linguagem, ainda considera a fotografia como elemento essencial para construção e análise dos significados. De certa forma, a fotografia aparece no campo etnográfico como uma narrativa ou uma forma de explicar os dados obtidos, ressaltando que não é apenas um instrumento de coleta de informações, mas como a “materialização de um olhar”, “o discurso de um olhar”. (NOVAES, 1998:111)

Assim, as variadas e múltiplas interpretações e reinterpretações das noções de gênero entre as estudantes guineenses da Unilab, moradoras da região do maciço do

Baturité poderão ser sentidas também pelo olhar, por determinados ângulos e momentos: particulares e definidos pelo momento captado pela lente e pelo olhar de quem os captou.

## **CAPÍTULO 2 - SOBRE OS CONCEITOS DE GÊNERO E DIÁSPORA**

Neste trabalho, dentre as questões a que buscamos dar respostas estão:

- O que definimos como “diáspora africana”?
- Quais os significados do “feminino” e do “masculino” no contexto de Guiné Bissau e que alterações/modificações/transformações se operam no plano dos significados nas situações por nós estudadas?
- Como se configuram as relações de gênero em Guiné Bissau: quais papéis e expectativas de comportamento são atribuídos a homens e mulheres? Há diferenças significativas entre esses papéis e expectativas quando contemplamos as dimensões étnico-regionais?
- Como se reconfiguram as relações de gênero no contexto por nós estudado?

Em um cenário de interação, mas não necessariamente de “integração”, buscamos compreender de que maneira a compreensão ou incompreensão recíproca (estudantes guineenses x estudantes brasileirxs) acerca das especificidades inerentes à condição de ser “mulher guineense” no CE, mais especificamente na região do Maciço do Baturité, têm implicado na produção de sentidos.

Por isso, após estabelecermos nosso entendimento acerca dos conceitos de gênero e diáspora, passaremos, no capítulo seguinte, à análise dos dados propriamente ditos.

### **2.1 Diáspora e diásporas negro-africanas**

Em capítulo dedicado à discussão sobre o termo e o entendimento de diáspora, Stuart Hall (2003), assinala que pensar a diáspora implica em pensar as nações como comunidades imaginadas, conforme defendido por Benedict Anderson e, desse modo, também implica contemplar questões ligadas às origens e sistemas de pertencimento que incidem sobre as identidades.

Hall ao refletir sobre o termo, associando-o às identidades negras, enfatiza pois, suas conexões com noções de unicidade e unidade, próprios dos ideais nacionalistas. Para ele, o conceito de diáspora “está fundado sobre a construção” de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”, ou seja, é o confronto entre o “eu e o desconhecido que condiciona as relações entre os indivíduos da diáspora”.

Hall e Gilroy interpretaram o termo “diáspora” como algo que significa mais que partida ou saída (êxodo). Em suma, o deslocamento, especialmente no contexto africano,

assumiu uma dada importância transnacional uma vez que, sem o trânsito entre nações e a consequente deslocação dos indivíduos “viajados”, o conceito em questão certamente não estaria merecendo tanta atenção por parte dos acadêmicos.

Por outro lado, Cancian (apud BONICI, 2005:23), conceitua a diáspora como, espalhamento dos povos, que saem de sua terra de origem para concretizar a vida em outros países ou em outros continentes. Seja de forma forçosa, saindo para buscar melhores condições de vida nos países mais desenvolvidos, seja para cursar o ensino superior ou para buscar outras possibilidades e alternativas de vida, os povos que abandonam sua casa dificilmente se desapegam das origens, e mantêm através da tradição, a cultura na qual nasceram. Isso, às vezes se dá pela manutenção da língua, da religião, modo de pensar e agir.

Entretanto, a cultura original, no contexto da diáspora, está em constante transformação, de maneira que novos costumes acabam sendo assimilados e interferem naquele lugar de acolhimento não apenas na identidade pessoal como na identidade coletiva, que por sua vez reflete a identidade cultural de determinado grupo (BONNICI, 2005:04).

Hall se refere à tradição como um *cordão “umbilical”* construído a partir de mitos de origem, que por sua própria natureza, são transitórios. Desse modo, em situações de deslocamento, as tradições podem ser ressignificadas.

No caso das populações negro-africanas, tal “cordão umbilical” sempre remeterá e evocará o continente africano. E neste sentido, não podemos negligenciar ou esquecer o impacto da escravidão e do tráfico intercontinental de pessoas, transformadas em “escravizados, que caracterizou grande parte daquilo que convencionou-se chamar de “modernidade”.

Ou seja, como nos lembra Mudimbe (2008), o século XV traz às relações entre o continente africano e o europeus, novos significados, doravante pautados em uma situação desigual, no que diz respeito aos aspectos políticos, econômicos, ideológicos e sociais implicados nessa relação.

Nesse trabalho então, uma questão que não pode ser menosprezada refere-se justamente a diversidade de condições, sobretudo de natureza histórica que distingue indivíduos africanos de afrodescendentes.

## **2.2 Gênero como uma construção social**

Conforme Joan Scott (1990), o gênero é caracterizado através de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim, é uma construção social e histórica dos sexos.

No campo das ciências humanas e sociais o conceito de gênero se refere à construção social, sendo dessa forma, determinado pelo contexto social, cultural, político e econômico. Enquanto sexo é determinado pela natureza, pela biologia, o gênero é construído historicamente sendo, portanto, variável e mutável do sexo, ou seja, a partir das diferenças percebidas entre os sexos. Lembrando que este conceito (gênero) pautaria a percepção das diferenças entre os sexos, sendo conceito significante a demarcar relações de poder.

Portanto, para entender a “desigualdade” de gênero em diáspora, é necessariamente compreender como são constituídas as relações de homens e mulheres na distribuição do trabalho e poder. Desta forma, para Joan Scott (1990), a categoria gênero refere-se a um sistema de relações de poder baseadas num conjunto de qualidades, papéis, identidades e comportamentos opostos atribuídos a mulheres e homens pela sociedade onde estão inseridos.

Nesta perspectiva, a categoria gênero:

[...] bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de práticas sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a ideia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação. (LOURO, 1992: 57)

Percebe-se, segundo Louro, que o gênero se constitui socialmente, e não necessariamente órgãos sexuais definem lugares e papéis de atuação dos indivíduos. A construção do que seja homem ou mulher ocorre de forma relacional, ou seja, são as relações que definem e estabelecem lugares e posições.

### **2.3 A construção social de “ser mulher e ser homem”**

Nobre (2007) conceitua que as pessoas nascem machos e fêmeas, diferenciadas pelos sexos em que são educados ou criadas de acordo com um padrão da sociedade onde estão inseridos. No que diz respeito à educação, a autora ainda enfatiza a responsabilidade dos adultos ou família no ensino das crianças.

A família é considerada o lugar de socialização das crianças, o lugar onde se criam e se educam. É na família que as crianças fazem seus primeiros aprendizados para a divisão sexual do trabalho e é nesse ambiente que elas adquirem grande parte da sua identidade de gênero. É na família que a criança começa a aprender o que é "ser homem" e o que é "ser mulher". (NOBRE, 2007:09).

Dentro do ambiente familiar apreende-se a diferenciação entre o público e o privado: na divergência entre machos e fêmeas, por sua vez, o homem é representado como o mais forte fisicamente pela natureza, geralmente sendo mais agressivo e externamente orientado. Todavia, argumenta a mesma autora, que “mais poder significa mais masculinidade, e sua ausência, feminilização, na medida em que masculinidade é uma metáfora para o poder e vice-versa”. Portanto, a mulher é considerada para a família no lugar mais privado, a casa apropriadamente para fazer os trabalhos domésticos, “cozinhar, cuidar da roupa, limpar a casa e a socialização das crianças tornando-se assim, essencial para a existência e reprodução das pessoas” (NOBRE, 2007:10)

[...] a Educação está implicada, seja qual for a perspectiva que se assuma, num processo de construção de sujeitos. Gênero pode ser, pois, um conceito relevante, útil e apropriado para as questões educacionais. Pondo em xeque o caráter ‘natural’ do feminino e do masculino, o conceito indica que há um processo, uma ação, um investimento para ‘fazer’ um sujeito ‘de gênero’ (e não se duvida que a educação tem a ver com isso). Por outro lado, nessa área, como ocorreu em tantas outras, os estudos e as práticas preocupados com tais questões concentraram-se, por muito tempo, exclusivamente nas meninas e nas mulheres ou, em alguns casos, utilizaram de forma muito limitada o novo conceito, tomando-o como um mero substituto para o termo mulher e desprezando, assim, suas potencialidades analíticas mais radicais (LOURO, 2002: 229).

Tendo em vista os argumentos apresentados, percebem-se as desigualdades de gênero que constantemente são construídas no seio da família e reforçadas pelas escolas.

Em suma, Bourdieu afirma que, “ser feminina” é essencialmente, evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade; e dizer de uma

mulher de poder que ela é ‘muito feminina’ não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder” (BOURDIEU,2002:115).

Ainda com relação aos papéis de homens e mulheres nos lugares privados e públicos da sociedade, Ferreira (1992) defende que, atualmente as mulheres em nossa cultura são socializadas segundo essa ideologia patriarcal, em que se reserva ao homem o lugar do poder, do trabalho, da liberdade, da sexualidade, enquanto que a mulher deve se dedicar ao espaço doméstico, menos prestigiado, do cuidado e da dedicação à família, reservando-se para ela, desse modo, uma inevitável “segunda categoria social”. Entretanto, Macoby, sublinha a construção do mundo enraizada de comportamentos sexuais.

As estruturas sociais que surgem nos grupos de pares masculinos e femininos são diferentes. Os grupos masculinos tendem a ser maiores e mais hierárquicos. Os modos de integração que ocorrem nos grupos do mesmo sexo, tanto nos de meninos quanto nos de meninas, tornam-se progressivamente diferenciados, e os estilos diferentes parecem refletir programas diferentes. Os meninos estão mais preocupados com a competição e a dominação, em estabelecer e proteger um território, e em provar a dureza deles, e para atingir esses fins eles tendem mais a se confrontar diretamente com outros meninos, a correr riscos, a provocar ou aceitar provocações, a fazer exibições do ego, e a esconder a fraqueza. Entre os meninos, há uma certa dose de um papo erótico (e sexista) dissimulado, havendo também a elaboração de temas homofônicos. As meninas, embora preocupadas em atingir seus objetivos individuais, preocupam-se mais do que os meninos em manter a coesão do grupo e as amizades cooperativas, mutuamente solidárias. As relações delas são mais íntimas do que as dos meninos. (MACOBY apud RRIS, 1999: 291)

A partir da consolidação do capitalismo, existe a ideia de que ocorre divisão entre as esferas pública e privada, sendo que a esfera privada é considerada como o lugar próprio das mulheres, do doméstico, da subjetividade, do cuidado. A esfera pública é considerada como o espaço dos homens, dos iguais, da liberdade, do direito. (NOBRE, 2007:03).

Matos (1994) realça que a categoria gênero reivindica para si um território específico, em face das insuficiências dos focos teóricos existentes para explicar a persistência das desigualdades entre homens e mulheres. Na qualidade de nova categoria, o gênero vem procurando dialogar com outras categorias históricas já existentes, mas vulgarmente é ainda empregada como sinônimo de mulher, já que seu uso teve uma acolhida maior entre os estudiosos deste tema. Este conceito (gênero) surgiu no final da década 60, graças ao movimento feminista que não só se preocupa com as questões sociais e políticas voltadas para a construção teórica, de tal maneira, que o feminismo trouxe o uso



de gênero como distinto de sexo e negando a “naturalização” biológica, ora, incluiu o uso de termos sexo ou diferenças sexuais.

Esse conceito de gênero “funciona” como um instrumento crítico e ao mesmo tempo “político”, conduzido pelo caráter social que não se reivindica negação biológica, mas, revela a construção social e histórica. Com as lutas do movimento feminista, as mulheres garantiram alguns direitos, condicionando algumas mudanças no final do século XIX, sobretudo na esfera educacional.

Segundo Louro (2004), o feminismo constitui um campo polemico plural e completamente desafiador, que não se preocupa só com a igualdade de gênero, mas, questiona a categoria “naturalizada”. O movimento vem criticando a concepção de gênero “pré-determinada” de homens e mulheres como mera construção “natural”, denunciando que seria uma construção sociocultural que condiciona noções próprias de família, infância, cuidado, responsabilidade, e demais modos sejam elaborados na vida social de diversas culturas e sociedades.

O movimento ganhou mais força e reconhecimento no âmbito internacional pela Organização das Nações Unidas (ONU) nos anos 70. Com o avanço deste movimento através das revoltas e reivindicações de sair no lugar de interior (dentro) para entrada no mundo de trabalho. De tal modo, Gomes nos leva ao contexto africano, o caso da Guiné-Bissau, por exemplo, em que a concepção do feminismo para as mulheres, que não é visto como no ocidente, ainda afirma que, as mulheres guineenses são feministas e praticam o feminismo sem saberem que o são, de algumas maneiras ou outras aparece este conceito na prática delas, como nos movimentos sociais de luta pelos direitos da igualdade, também no empreendedorismo e nas lutas pela participação política.

Isso aparece no artigo de Chimanda Ngossa Adichie (2014) em “*Sejamos todos feministas*”, quando refere a experiência da avó que teve coragem de desobedecer as decisões dos homens da família quanto ao seu futuro. E essa é precisamente a experiência de várias mulheres guineenses, que são autônomas no setor financeiro.

No outro caso que se percebe o aparecimento do feminismo em Guiné-Bissau, é acompanhado com o resgate de uma dupla identidade: Luta anticolonial e anti-patriarcal.

No entanto, a evidente “ausência” das mulheres na produção intelectual e no discurso político em detrimento de outros fatores (como o baixo nível de escolaridade) explica a ausência de um movimento feminista bem estruturado e organizado.

Entretanto, se consideramos a perspectiva teórica de descolonização do feminismo e de sua narrativa hegemônica, teremos que incluir outras experiências e superar o

binarismo entre teoria e prática. Assim, vale lembrar o contributo do movimento no contexto brasileiro de acordo com Carneiro (2003) que destaca as conquistas alcançadas pelo movimento feminista negro e questiona o que seriam as novas contribuições.

[...] a Constituição de 1988, que contemplou cerca de 80% das suas propostas, o que mudou radicalmente o *status* jurídico das mulheres no Brasil. A Constituição de 1988, entre outros feitos, destituiu o pátrio poder. [...] Destaca-se, nesse cenário, a criação dos Conselhos da Condição Feminina – órgãos voltados para o desenho de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero e combate à discriminação contra as mulheres. A luta contra a violência doméstica e sexual estabeleceu uma mudança de paradigma em relação às questões de *público* e *privado*. A violência doméstica tida como algo da dimensão do *privado* alcança a esfera pública e torna-se objeto de políticas específicas. (CARNEIRO, 2003:117).

O Movimento Feminista modificou particularmente o ponto de vista de classes predominantes em diversas áreas da sociedade ocidental, que vão da cultura ao direito. Outro aspecto que chama a atenção do movimento é a categorização da teoria de gênero queer que serve para desconstruir os estereótipos, as normas de comportamento, modelos padronizados de sexualidade e gênero criados pela sociedade para que homens e mulheres aprendessem a viver como tal, a partir de um complexo aparato de normas e regras de comportamento que definem seus papéis nos diversos âmbitos da sociedade.

Historicamente as mulheres eram “associadas” ao interior (dentro), fechado, escuro, e o privado, sendo orientadas a permanecer nas funções de mãe, cuidado, sendo obedientes ao seu parceiro, decorrendo no fato de que atitudes e comportamentos de homens e mulheres socialmente categorizados a partir de herança cultural. (FRADEGUER apud AGUINAR, 2009:02

Nessa compreensão, o papel feminino tradicional estabelece a maternidade como principal atribuição das mulheres e, com isso também o cuidado da casa e dos filhos, a tarefa de guardiã do afeto e da moral na família. Ela é uma pessoa que deve sentir-se realizada em casa. O homem típico é considerado o provedor, isto é, o que trabalha fora, traz o sustento da família, realiza-se fora de casa, no espaço público. Para uma mulher, ainda é considerado mais adequado ser meiga, atenciosa, maternal, frágil, dengosa, e do homem, o que ainda se espera, é que tenha força, iniciativa, objetividade, racionalidade. (NOBRE, 2005).

Homens e mulheres são seres humanos, muitos diferentes em termos do puramente biológico-anatômico, mas o que importa é compartilhar a humanidade de maneira mais justa, sem a discriminação, preconceito, desqualificação, hierarquização de sexos e principalmente violência em termos gerais.

Nobre (2005:05) discorda da concepção de que a relação de gênero foi construída historicamente e idealizada, quer dizer que os papéis sociais de homens e mulheres foram sendo elaborados ao longo do tempo, porque a maternidade não é mesma em todas as sociedades. Ainda afirma que a identidade masculina e feminina, não é única nem fixa (constante), muito menos universal, ora possa haver semelhança sobre a concepção de ser masculino e ser feminino, em muita sociedade e grupos sociais, de modo que apresenta diferenças. Independentemente de espaços sociais e diferenças das concepções todos são válidos. Em suma “vida humana, as suas experiências, são múltiplas e bem mais complexas do que os modos como às classificamos e interpretamos”.

A naturalização dos papéis e das relações de gênero faz parte de uma ideologia que tenta fazer crer que esta realidade é fruto da biologia, de uma essência masculina e feminina, como se homens e mulheres já nascessem assim. Ora, o que é ser mulher e ser homem não é fruto da natureza, mas da forma como as pessoas vão aprendendo a ser, em uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico. Por isso, desnaturalizar e explicar os mecanismos que conformam esses papéis é fundamental para compreender as relações entre homens e mulheres, e também seu papel na construção do conjunto das relações sociais (GOMES, 2004:05).

De tal forma, gênero reporta-se a abordagens aos papéis sociais, às representações e às identidades que são construídas pelos seres humanos, a partir da sua concepção do que é o masculino e o feminino. Esta diferenciação baseia-se em aspectos que distinguem ambos os sexos, a partir da qual se faz a atribuição de papéis nas sociedades e como se relacionam entre si. (LOPES, 2013: 107).

## **2.4-Mulher em Guiné-Bissau**

Falar das mulheres guineenses é de fato recuar nos períodos de luta de libertação nacional. De acordo com Gomes (2013), a partir da criação do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde-PAIGC, as mulheres conquistaram os seus direitos nos espaços políticos e civis, portando, os documentos elaborados pelo partido garantiam a igualdade de gênero.

No seu Programa de Ação estabeleceu a igualdade entre os homens e as mulheres afirmando que “os homens e as mulheres gozam dos mesmos direitos na família, no trabalho e nas atividades públicas”. Se se considerar o contexto político-social da época, estas palavras traduziram-se numa verdadeira revolução e inovação em relação ao estatuto da mulher na esfera pública. (GOMES, 2012)

O programa do partido garantia que os homens e as mulheres teriam as mesmas oportunidades. Mas esse resultado só seria possível com a consciencialização das mulheres de que a sua emancipação e liberdade dependia, antes de mais, delas próprias e da sua vontade em lutar contra todos os aspectos que prejudicavam o seu desenvolvimento e contrários à sua dignidade, contribuindo em grande parte para a sua subordinação em relação aos homens (casamento precoce, casamento forçado, procriação na adolescência, excisão feminina, direitos sobre os filhos, direito à herança e à posse da terra).

De tal forma, que o líder do partido PAIGC, Amílcar Cabral afirmava a importância da mulher guineense na luta armada. “A nossa revolução nunca será vitoriosa se não conseguirmos a plena participação das mulheres” dizia. Era necessário partir da realidade concreta da Guiné-Bissau, da situação sociocultural e das relações de género então existentes. “Sendo a posição das mulheres bastante diferenciada, mas fundamentalmente de dependência, impunha-se um trabalho profundo de mudança de mentalidades.” (GOMES, 2012).

Segundo Gomes (2012), a luta de libertação nacional guineense, foi muito além de expulsar o colonizador português no País, com a instalação de um processo de emancipação política e sociocultural em que as mulheres guineenses possuíram relevância nos domínios fazendo com que o movimento de libertação contribuísse de maneira “positiva para a mudança de mentalidades sociais, sobretudo nos meios rurais em que a resistência à presença das mulheres em lugares de decisão era evidente” .

Antes e durante os períodos da resistência á conquista colonial, as mulheres estão ao lado dos homens na luta pela independência, “A nossa revolução nunca será vitoriosa se não conseguirmos a plena participação das mulheres”, segundo análise do líder do PAIGC. Amílcar Cabral líder do partido africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, num dos encontros de região sul do país em 1966, sobre as mulheres apelou:

Depois da guerra as mulheres e as meninas voltarão para as aldeias como enfermeiras e professoras ou então trabalharão no comércio ou integrarão as milícias (...). Deixarão as nossas bases, mas ninguém pense que estas meninas estão prontas para serem “dadas” em casamento. Casar-se-ão se o desejarem, mas não haverá mais casamentos forçados. Aqueles que continuarem a incentivar esta prática estará agindo pior do que os portugueses colonialistas (...). O nosso Partido é também o partido das mulheres (CABRAL, 1999:02).

Apesar de que o objetivo de Cabral que podemos perceber no discurso político de construção da sociedade guineense na base do partido africano de igualdade e equidade de género em todas as esferas do País, perdeu o foco, depois da independência, de modo que,

muitas mulheres foram afastadas de cargos de tomada de decisão e voltaram para posição de subordinação, sendo vistas como seres fragilizados na sociedade, modo que poucas mulheres alcançaram a emancipação após a independência.

Por tanto, a autora afirma que, as mulheres guineenses foram um exemplo de emancipação no contexto da luta armada na Guiné e no contexto das lutas conduzidas em Angola e em Moçambique. (GOMES, 2004)

Levando em consideração a lógica da cultura masculina imperante e, sobretudo, num clima de guerrilha armada, "Amílcar Cabral e o PAIGC conseguiram concretizar o projeto segundo o qual as mulheres deviam ser o elemento principal na formação e no desenvolvimento".

Nessa ocasião surgiu um movimento de união das mulheres da Guiné e Cabo Verde, bem antes do início da luta armada, com objetivo principal de mobilizar as mulheres no contexto de luta e contra todas as atitudes de opressão contra elas. Mesmo no período pós-independência em 1975, foi criada uma comissão feminina do partido que daria a continuidade das atividades iniciadas pelo UDEMU durante a luta armada, com o propósito de "analisar atentamente a condição das mulheres guineenses e cabo-verdianas e os seus interesses, a fim de elaborar programas de ação a favor da melhoria da condição feminina em todo o território nacional" (GOMES, 2012:15).

Ainda com a reformulação o UDEMU<sup>2</sup> em Fevereiro de 1982 continuou com o intuito de unir as mulheres para emancipação. Deveria contribuir "para a construção de uma sociedade democrática em que todos os cidadãos tenham os mesmos direitos e deveres, sem discriminação de cor, sexo, religião ou origem social, uma sociedade onde esteja garantido o exercício das liberdades e direitos fundamentais do homem". Também, foi criada a Comissão Nacional das Mulheres da Guiné, em junho de 1979, com o propósito de continuar as atividades da antiga comissão feminina do partido.

No contexto de África de língua oficial portuguesa, os movimentos femininos na sua origem estiveram estreitamente ligados aos movimentos de libertação nacionais desses países (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe). A luta

---

<sup>2</sup> "A UDEMU, União das Mulheres da Guiné e Cabo-Verde. Foi criada em 18 de Junho de 1961, em Conacry. com o objetivo de mobilizar as mulheres na luta pela emancipação e a desenvolvimento e com o intuito de contribuir "para a construção de uma sociedade democrática em que todos os cidadãos com igualdade de direitos e deveres sem discriminação de cor, sexo.

contra o jugo colonial teve a inclusão ou participação das mulheres tanto na esfera político-ideológica como nas frentes de guerra e nas várias atividades no âmbito da organização das lutas armadas.

Na Guiné-Bissau as contribuições das mulheres foram muito importantes que permitiu alcançar objetivos em termos da organização das novas instituições das zonas libertadas, assumiram os papéis importantes durante a luta. É interessante destacar a função de Carmem Pereira que foi uma das grandes protagonista do partido, e também que as mulheres assumiram cargos importantes na política durante e após a luta armada e nas zonas rurais, destacando-se principalmente na educação (professoras) e na saúde (enfermeiras).

De acordo com Bamisile (2012), em algumas sociedades africanas tradicionais e contemporâneas, as mulheres sempre se envolveram no sistema administrativo e social e na tomada de decisões importantes dentro e fora de casa. Ainda destaca que às vezes algumas foram chefias que controlam bens e propriedades no seio familiar.

Ao conquistarem o comando, o poder tomado pelas mulheres foi muitas vezes, exercido de forma indireta, na administração das respectivas comunidades. “No seio familiar, tais esposas ou mães controlavam outros membros das suas casas, inclusive dos seus maridos, e em particular controlavam os bens materiais do marido ou os de qualquer outro membro do agregado familiar”.

Tradicionalmente em África, em especial na Guiné-Bissau as mulheres exercem o poder ao nível doméstico e comunitário, principalmente nas atividades comerciais, que geram o sustento familiar, estendendo-se também a quase todas as posições sociais da comunidade. Lembrando que, apesar dos poderes tradicionais da mulher africana, ela também é discriminada por razões de gênero. (BAMISILE, 2012:118)

As mulheres estão fracamente inseridas e envolvidas nos circuitos económicos formais e desempenham um papel fundamental na tradição familiar, uma vez que são responsáveis pela família e gestão da casa, educação dos filhos e maioritariamente executoras de atividades económicas informais. Pela lógica do país, as mulheres são pilares na produção no seio familiar, tanto na agricultura como na pesca. Desta forma, são simultaneamente de educação e agentes económicos. (LOPES, p.113).

De acordo com Organização de Nações Unidas a economia informal neste caso, seria caracterizada como:

Comportamentos económicos, socialmente admissíveis, realizados fundamentalmente com finalidades de sobrevivência e que escapam quase

totalmente ou, pelo menos, parcialmente ao controle dos órgãos de poder público local/regional/nacional em matéria fiscal, laboral, comercial, sanitária ou de registo estatístico”. (QUEIROZ,1999)

Conforme os dados do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), o acesso ao ensino para as meninas é ainda muito limitado. O fato de a mulher ter um papel familiar enquanto esposa que se dedica aos filhos e às tarefas domésticas, reserva-lhe pouco tempo livre para outras tarefas tais como: estudar, jogar a bola e etc. não se tratando apenas do fator falta de tempo, mas também de fatores culturais. Digamos que é um dos motivos da pouca presença das alunas no ensino em meados dos anos 1990 em que apenas 36,3% das raparigas (meninas) frequentaram o ensino, em relação aos 53,5% dos rapazes, revelando uma elevada disparidade entre sexos na frequência do ensino, bem como níveis de alfabetização díspares, 38.9% nas mulheres, 65.2% nos homens na escolaridade (PNUD, 1995).

## **CAPITULO 3 –SER MULHER E SER GUINEENSE NO MACIÇO DE BATURITÉ**

Neste capítulo iremos debruçar sobre o campo propriamente dito, isto é, tratar da realidade dos sujeitos em estudo, tendo como principal objetivo aprofundar o contexto da diáspora e do gênero no que tange ao cotidiano desses sujeitos em causa.

Quem são esses sujeitos? De onde vieram? Onde estão hoje? O que fazem? Com quem se relacionam cotidianamente? Como organizam seu cotidiano? De que modo se auto- definem com relação ao que é ser “mulher guineense na diáspora”? Quais são suas expectativas? Estas e outras perguntas que poderão surgir vão nos nortear ao longo do desenvolvimento desse capítulo. Perguntas estas que serão respondidas a partir de um olhar antropológico, ou seja, através da perspectiva etnográfica.

Como até agora temos afirmado, esse estudo debruça-se sobre a situação de algumas estudantes da Unilab, de origem guineense e habitantes da região do Maciço de Baturité / CE- Brasil, contextos desse trabalho que serão apresentados a seguir.

### **3.1. GUINÉ-BISSAU E MACIÇO DE BATURITÉ**

A região do “Maciço de Baturité” foi escolhida para a realização do nosso estudo de campo, porque no Maciço existe uma presença importante de estudantes guineenses, e dentre estes, um número elevado das mulheres guineenses estudantes da UNILAB. O grupo escolhido para essa pesquisa é heterogêneo, constituído por jovens de diferentes cursos, com olhares diferenciados, com as idades que variam entre 23 e 29 anos. Quanto à origem, estas são oriundas da região de Cacheu, setor autônomo de Bissau e Safim, que contextualizaremos.

Guiné Bissau é um país constituído por uma parte continental e outra insular, o arquipélago dos Bijagós. O país está situado na Costa Ocidental da África, com uma área de 36.125km<sup>2</sup>, sendo que a parte habitada é apenas de 24.800 km<sup>2</sup>. Faz fronteira ao norte com o Senegal, ao sul e ao leste com Guiné Conacri e a oeste com o Oceano Atlântico. A parte insular tem cerca de noventa ilhas, das quais apenas dezessete são habitadas. (AUGEL, 2007, p.46).

Em termos administrativos, o país divide-se em oito regiões: Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali e Setor Autônomo de Bissau. Conforme Benzinho e Marta (2015:16), as regiões do país se dividem em 36 setores, que



por sua vez, são divididos em várias secções, compostas por Tabancas (aldeias), muitas marcadas pela distância da capital, Bissau, devido à ausência de acessibilidade ou à precariedade destas.

Tomando em consideração a geografia do país e a quantidade de rios, muitas vezes o que em linha reta representa uma curta distância, demora horas a percorrer por estrada, considerando a necessidade de fazer grandes desvios para se chegar ao destino.

O país tem um clima predominantemente tropical com características marítimas, sendo muito quente e húmido e com duas estações distintas: a estação seca, de novembro a abril e a estação das chuvas, de maio a outubro. A temperatura média anual no país é de 26,8 graus. Na Guiné-Bissau, os meses do inverno são dezembro e janeiro e verão de março a maio. Já os meses mais chuvosos são os de julho e de agosto.

Conforme os dados do Instituto Nacional de Estatística – INE-GB, a população do país ainda é constituída por uma variedade de etnias, com línguas, estruturas sociais e costumes distintos. A maioria da população vive da agricultura e professa religiões locais. Cerca de 45% dos habitantes pratica o islamismo e existe uma minoria de cristãos. Entre as línguas mais faladas figuram, *fula* e *mandinga*. O *crioulo guineense*, com base no vocabulário português que é a língua oficial do país, surgiu do contato do português com as línguas africanas, facilitando a comunicação não só entre os europeus e os africanos, mas também entre os guineenses dados à diversidade linguística da região (MOREIRA, 2006).

No país se encontram grande número de grupos étnicos, destacando-se os Balantas com 30%, que vivem na região costeira do sul, Fulas representam 20%, concentrados no leste do território, Manjacos correspondem a 14% e ocupam as áreas costeiras do centro e norte, e assim, Mandingas (13%), Papéis 7%, Mancanhas, Beafadas, Bijagós, Felupes, Cassangas, Banhus, Baiotes, Sussos, Saracolés, Balantas-Mané e Nalus (INE-2014).

As estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-Unilab, moram em diferentes bairros e municípios, mas-dentro do Maciço de Baturité. O Maciço de Baturité fica localizado no sertão central cearense, com uma serra no ambiente geograficamente isolado, que é composta pelos municípios de Pacoti, Palmácia, Guaramiranga, Mulungu, Aratuba, Capistrano, Itapiúna, Baturité, Aracoiaba, Acarape, Redenção, Barreira e Ocara. (SOUZA, 2006)

A despeito do acompanhamento contínuo das diversas atividades que integram o cotidiano e a vida dessas jovens estudantes, programamos também encontros regulares que aconteciam regularmente durante a semana, entre terças e quintas-feiras, nos respectivos campi universitários (Liberdade, Auroras ou Acarape).

Acompanhou-se a rotina diária das participantes que estudam no período integral, e aos sábados e domingos nas próprias residências, lembrando que nesses encontros, em algumas vezes deixou-se o gravador ligado com a autorização delas, claro, e noutras vezes fotografei tais mulheres em situação cotidiana.

Evidentemente, tendo em vista nossas leituras e a consequente base teórico-metodológica que a bibliografia aponta, o foco da pesquisa incidiu sobre as questões associadas às relações de gênero, com ênfase especial nas ideias de mulher, particularmente a mulher guineense.

Nesse sentido, tivemos que investigar para tornar claro ao nosso presumido leitor ou presumida leitora o que caracteriza o adjetivo “guineense”. O que particulariza a mulher guineense em relação às mulheres das outras nacionalidades? Depois: a partir desse caráter particular da mulher guineense, como o fato de estar no Brasil, no Maciço de Baturité afeta seu comportamento e suas ideias sobre os gêneros (masculino, feminino) e sobre a cultura nacional guineense? Essas são nossas principais indagações de pesquisa, que buscaremos elucidar ao longo deste trabalho.

Portanto, a base do trabalho consiste em investigar e compreender como essas estudantes experimentam a vivência desse deslocamento do país natal (Guiné Bissau), quem são elas, porque escolheram a Unilab? Com quem se relacionam cotidianamente? Como organizam seu cotidiano? “De que modo se auto-definem com relação ao que seja “mulher”, guineense”, “diáspora”?”

Figura 1 - Mapa da Guiné Bissau 1



**FONTE:** Disponível em: <http://www.infoescola.com/africa/guine-bissau/> Acessado 10 Mar. de 2016.

A presença de estudantes africanos no Maciço de Baturité teve início com o surgimento da Unilab. De acordo com o site oficial da universidade:

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) nasce baseada nos princípios de cooperação solidária. Em parceria com outros países, principalmente africanos, a Unilab desenvolve formas de crescimento econômico, político e social entre os estudantes, formando cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado. [...] Foram mais de três mil inscritos no primeiro processo seletivo. “Nenhum tema é tão capaz de unir e transformar um país quanto a educação”, ressaltou o então presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, durante aula magna realizada em Maputo-Moçambique. E, em comum acordo com os países parceiros, tornou a ideia em realidade: a criação de uma universidade no Brasil alinhada à integração com o continente africano, principalmente com os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (2011).

Desse modo, em outubro de 2008 iniciou-se o processo de implantação da UNILAB a partir do levantamento conjunto dos temas e problemas comuns ao Brasil e países parceiros nessa integração. Depois de muitos debates, reuniões, concretizaram-se parcerias no Brasil e no exterior, viabilizadas pela comissão responsável por esses primeiros passos. Também a partir disso, foram pensadas as propostas e diretrizes, ancoradas em expectativas traçadas por entidades vinculadas ao desenvolvimento da educação superior no mundo.

Foram privilegiados temas propícios ao intercâmbio de conhecimentos na perspectiva da cooperação solidária, além de sua aderência às demandas nacionais, relevância e impacto em políticas de desenvolvimento econômico e social. (UNILAB, 2011)

Em 20 de julho de 2010, o Presidente da República sancionou a Lei nº 12.289 instituindo a Unilab como Universidade Pública Federal. Após a nomeação do reitor Pro Tempore Paulo Speller, os trabalhos da comissão foram encerrados.

E assim, surge essa universidade de integração internacional com os países de língua oficial portuguesa (PALOP), com predominância dos países do continente africano, com os primeiros grupos oriundos de Angola, Guiné-Bissau, Cabo-Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Depois cada ano, ou seja, a cada edital vinham somando os estudantes, (principalmente oriundos de Guiné-Bissau, que tem o maior número de estudantes na Universidade) e a partir daí iniciou-se a imigração massiva dos estudantes africanos para o Ceará, concretamente no Maciço de Baturité.

Ressaltando que a comunidade africana no Maciço é constituída por indivíduos entre os 18 e 35 anos de idade, vindos do continente africano, predominantemente do sexo

masculino, e tal movimento nasce do desejo de imigrar voluntário por motivos estudantis, legitimada por cooperações e discursos governamentais dos três últimos governos brasileiros (Luiz Lula Inácio da Silva e Dilma Rousseff) de aproximar o continente africano ao Brasil”.

### **3.2. Entre devaneios, sonhos e os primeiros impactos com a realidade vivida no Brasil.**

A despeito de ocuparem esse lugar de identificação (mulheres guineenses, estudantes da Unilab e residentes numa mesma região), pretendemos enfatizar a diversidade que caracteriza a vida e particularmente, o cotidiano dessas mulheres: em termos de condições de existência e sobrevivência, das dinâmicas nas atividades acadêmicas, suas relações afetivas (algumas delas, por exemplo, tornaram-se mães aqui), de amizade, vizinhança etc.

Na verdade, temos duas estudantes mães: uma com um filho e a outra com uma filha, sendo que as duas estudam à noite, porém com cursos e rotinas diferentes: enquanto uma delas mora com o namorado (pai da filha) e ainda tem uma “babá” que cuida da criança nos períodos de aulas, a outra estudante está sem babá e mora sozinha.

As duas tinham que se adaptar a essa nova realidade – da maternidade – tendo que operar algumas mudanças radicais ao terem que lidar com a nova fase de dupla função: ser mãe, estudante, estrangeira sem parentes por perto.

É uma tarefa difícil porque elas têm que cuidar das crianças e do estudo também: dar conta das leituras de textos e livros, elaborar trabalhos enfim, cumprir com as exigências da vida acadêmica, motivo fundamental de sua estadia no Brasil. A situação de maternidade/paternidade aumenta as responsabilidades, tornando-se um fator de pressão a mais tanto para a mãe, assim como para o pai da criança. Todavia, por questões culturais, o maior peso recai sobre a mãe.

Numa comunidade machista, como no caso de Guiné-Bissau, de sociedade predominantemente patriarcal, a mulher como dona de casa, tinha o dever de ir arranjar a água no poço, cuidar dos filhos e fazer os deveres de casa. A condição de gênero no país indica que os homens devem desenvolver o papel esperado, de “responsáveis da família” em termos econômicos, sendo esta questão de construção do padrão de masculinidade semelhante tanto nas zonas urbanas como rurais.

E aqui nos cabe fazer uma pequena observação a respeito do significado da maternidade nos contextos de origem destas estudantes. Se no Brasil, a vertente

colonizadora de matriz portuguesa, imprimiu às relações familiares um forte teor patriarcal, alicerçado e reforçado pelo cristianismo, em Guiné Bissau, um país também colonizado por portugueses a situação em relação às concepções de família e parentesco, é relativamente diferente.

Dentre as principais diferenças podemos destacar: que embora o cristianismo se manifeste em Guiné Bissau, há também a forte presença das religiões tradicionais e de relações fundadas em outros parâmetros. Segundo Mendes (2015) a extensibilidade e a poligamia são traços importantes da vida social em Guiné Bissau. No entanto, relações pautadas no direito consuetudinário (no uso, na tradição) vêm sofrendo transformações em função da experiência colonial, que impõe outras formas de regulação social.<sup>3</sup>

Por exemplo, um dos problemas da tradição africana/guineense está nos usos e costumes da esmagadora maioria das etnias, onde são os homens e os Régulos/Chefes tradicionais que detêm os poderes de decisão para escolherem as mulheres com quem querem casar. Um bom exemplo disto é, por um lado, Ocante Adjibane, Régulo entre os Manjacos, que diz sobre a sua vida em 1955: «Na altura em que comecei a ser Régulo, as coisas eram diferentes. O uso era mais forte que a lei [colonial]. Era o uso que mandava. Era o Régulo que mandava. “Casava com quem quisesse e nessa altura tinha-me casado com 33 mulheres» (CARVALHO, 2000: 48 APUD MENDES, 2015).

Na Unilab, as estudantes oriundas da república da Guiné-Bissau são de diferentes setores e regiões, não obstante, todas tinham como expectativa comum se formar fora do país da origem: umas pensavam em ir para os Estados Unidos, Europa, e uma já pensava em vir para o Brasil por se encantar com a imagem projetada pelas novelas: com praias, sotaques do português, homens lindos.

Então, a partir dos acordos de cooperação entre Brasil e África, e conseqüentemente com o surgimento da Unilab, o governo federal brasileiro tem assim ofertado mais vagas e cursos de qualidade, o que condicionou maior procura e interesse por parte de estudantes oriundos de Guiné Bissau. Por outro lado, a opção por EUA, Europa e os outros países em que as vagas são limitadas e os custos provavelmente maiores, as escolhas implicariam em dimensionar outros fatores.

Durante a pesquisa as interlocutoras sublinham as desvantagens de estudar no Brasil, como pode se ver no trecho abaixo:

“Reconheço a qualidade de ensino brasileiro, as políticas públicas de ensino superior gratuito, mas o meu sonho mesmo era estudar em qualquer país da

---

Europa [...] assim a gente aprende outra língua além do português... como, por exemplo, se eu estudasse nos Estados Unidos, França, teria aprendido o inglês” francês por ai fora” (gravado em 23 de outubro de 2016).

A outra estudante disse o seguinte:

“O que certo é que sempre quis estudar fora. Vi meus parentes e vizinhos saindo, ou seja, ganharam bolsas de estudo [...] isso me motivou muito, porque eu adoro viajar. Mas eu não queria vir para o Brasil, não. Não era meu sonho assim formar no Brasil, admiro e gosto muito do povo brasileiro, mas, na verdade eu queria ir para um país que tivesse outra idioma que não é o português como no Brasil que é colonizado pelos portugueses como no caso da Guiné-Bissau. Queria simplesmente aprender outra língua, e a outra cultura” (23 de outubro de 2016).

Dessa maneira, as falas das nossas interlocutoras apontam as vantagens e desvantagens da formação em nível superior no Brasil. No entanto, para as duas, caso tivessem oportunidade, escolheriam outro país. Isso, pelo simples motivo de querer aprender ou estudar outra língua diferente do português. Porém, reconheceram a qualidade do ensino superior brasileiro, e a sua maravilhosa cultura, a cooperação entre Brasil e os países africanos de língua portuguesa, no que diz respeito à concessão regular e notável de bolsas de estudos, fato que pouco ocorre com outros países.

Nesta ótica, elas abraçaram essa oportunidade de bolsa de estudo da Unilab que é uma universidade de caráter internacional para ter uma formação universitária de boa qualidade. Ressaltando que algumas tiveram e vieram para o Brasil pela opção, condicionada por três motivos ou fatores: 1. Aproximação das culturas no que tange a memórias e heranças deixadas pelo povo de continente, nomeadamente, vestuários (os traços), cabelos (cachos, crespo, Black); 2. De mesmo modo, a facilidade da língua portuguesa que já é uma *língua oficial* da Guiné-Bissau, embora haja certas variedades a nível fonológico, semântico. 3. Outro fator importante da escolha do Brasil se deu com a criação, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira – UNILAB-instalada em 25 de maio de 2011 com três campus, Redenção, Acarape e Auroras, ainda em Bahia, no município de São Francisco do Conde, como um espaço de integração cultural e internacional.

Ainda outra interlocutora afirmou o seguinte:

“Acompanhando novela, vi um Brasil totalmente lindo, pela minha ignorância pensei que assim fosse o Brasil inteiro, todos personagem bonitos, simpáticos se abraçam, com sorrisos contagiantes”[...] São receptivos, pensei que tais personagens representasse todo povo Brasileiro, nem eu imaginava que tem favelas...todo isso influenciou na minha escolha e minha decisão de vir para o Brasil. Chegando aqui percebi tudo diferente

[...]. Na verdade o Brasil visto através da novela é diferente que estou conhecendo agora [...]. Às vezes me assusto com nível de violência que aqui vejo já vi as pessoas mortas na rua, o fato que nunca havia presenciado em Guiné- Bissau, não estou querendo dizer que nunca aconteceu que alguém matou outro, mas estou dizendo que nunca vi porque é difícil isso acontecer, ao passo que aqui é muito freqüente.

Com essas narrativas podemos perceber as conflituosas realidades no pensar das estudantes em estudo; elas não conseguiam distinguir a ficção e realidade, mesmo porque o confronto efetivo com a realidade só pode ocorrer a partir de seu deslocamento e estabelecimento no Brasil. O encontrado não foi o esperado, de modo que o que se nota é uma relativa frustração referente a desejos alimentados em contraste com a realidade efetivamente vivida por essas jovens estudantes. O fato que faz com muitas passem dias e semanas chorando de saudades.

### **3.3 Sobre chegada das mulheres guineenses no Ceará**

As estudantes guineenses como os demais estrangeiros que chegam ao CE, desembarcam no aeroporto internacional Pinto Martins de Fortaleza e se identificam nos serviços de fronteiras como “*cidadão da Guiné-Bissau*, depois de terem passado por vários processos de normatização, tanto no aeroporto como nos demais instituições nacionais e brasileiras”.

Já no desenrolar desse processo de legalização de estrangeiro no Brasil, o grau de tratamento é de um estrangeiro, meramente africano: ou seja, já à partida, na chegada, as relações do estado brasileiro com cidadãos do continente africano são marcadas pelo equívoco da generalização, para dizer o mínimo. Nomeia-se e identifica-se o “africano”, sem levar em conta a nacionalidade de cada um e de cada uma.

Ao entrarem no Brasil, todas as estudantes guineenses, posto que “negras e estrangeiras” são caracterizadas ou nomeadas como “africanas”, e assim se processam, indiscriminadamente, as relações dessa população com os brasileiros e brasileiras em geral.

Evidentemente, tal visão - distorcida e desqualificadora do continente africano – evidencia uma das muitas contradições do Brasil, cuja cultura e população são tão marcadamente influenciados por heranças (biológicas e culturais) oriundas do continente africano.

Percebe-se claramente que as estudantes guineenses, enquanto estavam no seu país desconheciam ou pouco sabiam sobre a imagem construída pela mídia brasileira sobre o continente africano. Tanto homens como mulheres guineenses, não sabiam que geralmente

quando se fala do continente africano na mídia brasileira, o discurso vem carregado de muitos preconceitos e estigmas: *“África, um continente primitivo, cujo povo não tem cultura, povo sem história”*. Ao chegarem ao solo brasileiro e ao se confrontarem com essa nova realidade, manifesta-se então a discordância, e até estranhamento com relação a certos comportamentos e, sobretudo o choque cultural relativo a costumes e hábitos, não só em relação aos brasileiros, mas também aos outros povos das outras nacionalidades que compõem a Unilab.

Por conta dessa realidade, as meninas guineenses ao chegarem aqui no Brasil, preferem em muitos casos dividir apartamentos com os conterrâneos, que pode ser uma amiga, primo, prima, tio, tia, namorado e em certos casos as pessoas que comungam da mesma ideologia religiosa. Tudo isso, não por uma questão de racismo, ou preconceito, mas sim em função dos choques culturais, hábitos e costumes.

Assim, a despeito de estar longe da casa, novas redes de proteção e amizade são construídas: se constrói uma nova família de amigos, que é considerado um grande ganho. E esse ganho se dá em detrimento do afastamento dos verdadeiros familiares, que aguardam a volta de suas filhas e filhos ao país de origem.

Tanto que essas estudantes, raramente se vêem como estrangeiras. Muitas se dizem “passageira”, pois estão “de passagem” no Brasil. Há, entre elas, o desejo de voltar para casa, o que faz da vivência no Brasil algo momentâneo, só lhes interessa a formação para a carreira profissional, que lhe dará status no seu país de origem.

### **3.4 Primeiros momentos: desafios e adaptações**

Os primeiros desafios enfrentados no cotidiano das estudantes guineenses como quaisquer outras, dizem respeito à adaptação, ao fator climático, social e até alimentação. Chocam-se a seguir com valores, com a cultura em termos gerais. Consideram não ser tão fácil integrar-se neste contexto de multiculturalismo, sem contar com o racismo que provoca preconceitos e discriminações, sobretudo por conta da cor da pele e da própria origem africana, além-claro, do sexíssimo.

Outra dificuldade é ter que deixar os pais por um período indeterminado, os amigos, namorados e parentes. Ainda “são confrontadas com algumas perguntas “absurdas” como, por exemplo: “Vocês vieram da África”? Mas lá falam português?”; “Lá vocês tem carro, energia elétrica?”; “Como vocês chegaram aqui? De navio?”.



Todas essas perguntas demonstram claro desconhecimento e a má impressão que as pessoas têm sobre África. As primeiras reações perante perguntas do tipo, são um misto de raiva e tristeza ao mesmo tempo. Como ilustra a fala dessa interlocutora:

“Pela primeira vez que alguém me fez as perguntas acima citadas, fiquei com raiva e tristeza ao mesmo tempo, tive que abandonar a sala, foi no primeiro trimestre [...] imagina nós nos apresentamos em português e fizemos algumas perguntas, pois alguém vem me perguntando se eu falo português, se tenho mãe [...] se eu vim de navio? Se no meu país existe carros [...] preferi sair da turma, pois estava mesmo chocada.” (caderno de campo, 20 de maio 2016).

Percebemos o quanto a África é desconhecida pela maioria da comunidade local (maciço de Baturité), pois apesar de ter a lei 10.639 e lei 11.645 – que dispõem sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africanas, afro-brasileira e indígena no país, ainda existe carência das informações sobre o continente.

Além disso, a mídia contribui numa boa parte ao tratar de África de uma maneira estereotipada e estigmatizante: reduzida à fome, guerras, miséria, doenças etc...

Vale a pena salientar que as referidas perguntas “absurdas” eram mais frequentes nos primeiros momentos; foram feitas para os estudantes de primeira e segunda entrada. No momento, vale reconhecer que provavelmente com a chegada de muitos e muitas outras e diversas africanas e africanos no Maciço do Baturité, oriundos dos outros países africanos de língua portuguesa, verifica-se uma paulatina desconstrução e ressignificação dos sentidos e significados associados à África e reconhecendo também o papel da Unilab enquanto uma instituição comprometida com uma política de integração internacional e alguns estudos voltados para África, tem se melhorado e aumentado conhecimentos sobre África atualmente. Houve muitas mudanças dos dois lados, ou seja: dentre os nacionais e internacionais.

Na maioria das casas que fizemos o estudo de campo, no cotidiano das estudantes se percebe a dificuldade dos brasileiros em chamá-las pelos nomes próprios, substituindo-os pela categoria “Africana” e facilmente esquecem as nacionalidades e os nomes dos países de origem. Entretanto, não julgamos que essa situação expresse necessariamente uma discriminação ou racismo, mas nós consideramos que ignorar ou evitar proferir os nomes próprios das estudantes, seus países e nacionalidades de origem pode ser decorrente de variados fatores: esquecimento ou até o fator linguístico, étnicos, nacionais, pois acham que os nomes dos estudantes estrangeiros são “estranhos” e são difíceis de memorizar.

“Nó vizinho ta fala nomes di africanus kansadu tchoma, nim e ka sibi kuma áfrica i ka son um pais ma i kontinente... nunca bu obi alguim falan Guineensi, son africana...”<sup>4</sup>

Evidentemente que essas reações afetam as relações entre as estudantes guineenses e a comunidade brasileira, embora em um sentido ideal, o fato de essas jovens circularem grande parte de seu tempo em um ambiente cultural e educativo – a UNILAB – permite que tais tensões e incompreensões sejam minimamente problematizadas.

O imaginário socialmente construído revela que o lugar da África para os brasileiros, causa um estranhamento de qualquer uma interlocutora, em termos da realidade social do país de origem africana, devido às diversidades culturais, o comportamento, mais ainda com as convivências das outras nacionalidades na universidade além dos nacionais.

Todavia, o interessante é que a circulação, o trânsito cotidiano de pessoas por diversos espaços tanto nos bairros como na universidade (salas de aula, espaços de convivência, pátio, sala de informática, bibliotecas) provoca não apenas o contacto entre xs diferentes, mas situações em que mentalidades, comportamentos e atitudes na relação entre identidades e alteridades, vão aos poucos, se transformando. Ainda que de maneira lenta e muitas vezes, de forma tensa e conflituosa.

### **3.5-Imergindo no campo**

O fato de ser mulher guineense, escolhendo as interlocutoras da mesma nacionalidade, facilitou o contato garantindo a maior aproximação, que me deixava mais a vontade e me sentia como se eu estivesse na minha própria casa. Isso me permitia desenvolver relações mais forte de amizade que foram da maior importância para a pesquisa; estas relações estabelecidas permitiram a participação ativa das interlocutoras. As nossas conversas foram muitas vezes acerca de historia de vida, dos estudos, do cotidiano, das relações de gênero, sobre “ser mulher guineense” e sobre as experiências da vida fora de casa.

Durante uma das conversas descobrimos a vantagem de estudar no Brasil e principalmente na *Unilab* que tem esse objetivo de exaltação da integração das culturas, línguas, locais e internacionais, tudo isso, se refere à multiculturalidade, que entendemos como a união de diversas culturas, ou seja, riquezas culturais observadas e praticadas em

---

<sup>4</sup>Tradução: A minha vizinha sempre fala que os nomes dos africanos são difíceis de pronunciar, ela sempre pensa e age como se África fosse um país só, nunca ele me chamou de guineense, isto a minha nacionalidade enquanto africana, apenas me chama africana e nem tão pouco o meu nome.

um só país, Brasil, concretamente no Maciço de Baturité. E ainda a Unilab com o seu ensino superior de qualidade tem um papel relevante de transmitir o conhecimento, conhecimento esse que futuramente que, servirá de um instrumento de desenvolvimento dos pais integrantes.

“Tivemos sorte de entrar numa universidade publica fora do país da origem que garante uma experiência de vida e conhecimento sólido que nos permite serem reconhecidas como profissionais, tanto aqui no Brasil, como na Guiné- Bissau”

Nosso trabalho etnográfico foi desenvolvido nos quatro municípios que fazem parte do Maciço de Baturité: Acarape, Redenção, Antônio Diogo e Aracoiaba.

As interlocutoras da pesquisa são de origem guineense, que vieram de regiões e setores diferentes, com os objetivos comuns que é se formar, sendo que o ensino superior guineense surgiu tardio em 1979, e não é bem qualificado, com poucas universidades publicas que não correspondem com as demandas da camada juvenil.

É oportuno salientar que das seis estudantes guineenses envolvidas nesse trabalho, quatro vieram de capital (Bissau), uma de Safim e outra de Cacheu, uma região costeira da Guiné-Bissau que está situada no norte, particularizada por indivíduos atrelados às suas crenças tradicionais, costumes e hábitos diferenciados.

No contexto da Guiné-Bissau, cada etnia implica na posse e compartilhamento de algumas características particulares, que as distinguem e as especificam com relação a outros grupos Segundo Lopes (1982), se distingue de construção histórica, no entanto, e consideramos que, tendo sido adquirido um sentido de pertença individual e coletiva identificado a uma etnia, não se deve negligenciar certo condicionamento do comportamento dos seus membros.

As diferenciações da etnia e hábitos no território guineense se encontram numa estrutura social “horizontal”, nas quais se verifica a existência de estratificação social muito ligeira. Outras etnias organizam-se numa estrutura “vertical”. Os mandingas são um exemplo destas, com grande estratificação social, com uma pirâmide semelhante à da Europa Feudal. Também os manjaco ou os papel caracterizam-se por algum nível de hierarquização social.

Salientando a diversidade de modos de produção neste pequeno território resultou no desenvolvimento de uma rede de dependências mútuas, de modo que, “os Manjacos, especialistas na extracção do vinho de palma, não o produzem apenas para seu consumo, mas vendem-no aos Balantas. O óleo de palma pode ser dado aos Fulas em troca dos

produtos dos famosos artesãos de Bafatá ou de Gabú. As etnias do norte vêm também trocar os seus produtos agrícolas pelos têxteis dos Mandingas.

De uma forma resumida, o deslocamento das estudantes oriundas de contextos étnicos tradicionais para continentes, no caso do Brasil, as regras de sociabilidade são substancialmente diferentes. É legítimo esperar que o comportamento institucional destas pessoas se adapte, com maior ou menor rapidez, e convirja para as novas circunstâncias políticas e sociais. Porém, esta alteração não se reflete na orientação cultural, uma vez que os valores estruturantes do comportamento de um grupo, a sua identidade, não são significativamente moldáveis em função dos contextos. (PINTO, 2009:46)

Desse modo os hábitos e costumes são práticas sociais, e essas práticas sociais são variáveis de etnia para etnia. O modo de agir, de vestir, de comportar, e até de falar são reflexos de construção histórica, não nos esquecendo de que a história sendo um processo, não é fixa, nem única, tampouco estática.

Mas como havíamos referido todas tinham o mesmo objetivo: formar-se e poder tornar-se quadros para Guiné- Bissau. Mas para algumas, fora dos seus planos, aconteceu o inesperado, surgiram filhos, frutos de um relacionamento com os seus conterrâneos.

### **3.6-Rotina quotidiana das estudantes guineenses envolvidas na pesquisa**

O quotidiano das estudantes guineenses não se difere da rotina dos outros estudantes que se encontram no Maciço. A cidade não oferece grandes espaços de lazer, a vida praticamente se resume em dois (2) espaços: casa e universidade.

**Figura 2 – Estudante mãe**



**Fonte/Créditos: Acervo pessoal da autora**

Já para as que têm filhos, a situação é ainda mais difícil; a rotina é a mesma, casa-universidade, só que a ocupação é maior, pois além de estudarem preocupadas com tarefas da faculdade, ainda se preocupam com deveres inerentes à maternidade: cuidar da criança, limpeza (deixar o espaço de convivência da criança limpa) preparar alimentação (sopa) e simultaneamente amamentar. Praticamente passam o maior tempo em casa, junto dos filhos. A saída para universidade e a volta para casa têm que ser uma coisa rápida, e tem que ser uma saída de extrema importância, as atividades recomendadas pelos professores ou encontro de Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) orientação do TCC.

Apesar de todas essas dificuldades mencionadas, essas “mães acadêmicas” sentem-se felizes, jamais tais dificuldades podem afetar o lado bom de ser mãe, tanto para as nossas interlocutoras que têm filhos, como aquelas que ainda não tem, se percebe nos seus olhares, e em seus testemunhos a presença da felicidade, elas de modo geral sentem-se realizadas como mulheres.

**Figura 3 – Estudante**



**Fonte/Créditos: Acervo pessoal da autora**

Para as estudantes que moram fora dos municípios de Redenção e Acarape, geralmente frequentam mais a universidade de segunda-feira a sexta-feira, pois, estudam em período integral. Para aquelas que também moram fora de município de Redenção e Acarape devido aos encontros de orientação de TCC, trabalhos em grupos, passam também o seu tempo na universidade de segunda à sexta-feira. Passatempos acontecem mais nos finais de semana, com amigos ou namorados para as que estão namorando.

“Praticamente a minha casa fica fechado nos dias de semana, saio de manhã cedo para a universidade e volto só as 22h30min de noite, portanto, não tenho uma rotina assim, de novidades, porque tenho pouco tempo livre, o

meu curso demanda muito tempo, nos finais das semanas passo tempo resolvendo lista dos exercícios. Perdi uma grande amiga, por causa do estudo. Porque a minha rotina mudou completamente (resumiu em Unilab, Igreja e casa), ela não entendeu essa fase, de mudança, mas, esse é meu objetivo formar e será o único e o primeiro na minha vida, por enquanto, ela acabou se afastando, mas eu não tinha a escolha porque as atividades, os exercícios, as provas, uma atrás da outra e não fui atrás dela... confesso que é um momento difícil para mim. Imagina, tendo 120 cadeiras de curso não é pouca coisa e pego a partir de seis (6) por cima, se não vou me envelhecer na Unilab, ninguém é obrigada a intender a minha escolha, como acontece. [...] o tempo para mim, é muito precioso, só saio de casa com um objetivo de ir para faculdade, a igreja, mesmo as pessoas da comunidade guineense percebem isso, dizem que eu tenho a minha vidinha, odeio admitir isso, mas, é verdade, não participo nas festinhas do aniversário nem a comemoração das independências, porque eu organizo o meu estudo de uma maneira habitual que não dá para mexer em nada (risos), sabe as pessoas tem uma percepção diferenciada, (os outros entendem mais rápido e outros não). Lembrando que antes eu tinha a rotina mais tranquila, ou seja, mais calmo, não agora tudo agitado”. (caderno de campo\gravador, 16 de setembro de 2016).

Assim sendo, e segundo as narrativas, entendemos que as mulheres estudantes guineenses ainda com dificuldades, lutas e tensões sociais encaram o estudo com toda garra. Custaram sacrifícios, abdições de muitas coisas, e até perdas de amizades, mas a prioridade é e sempre será a escola.

### **3.7-Como essas mulheres se definem enquanto guineenses?**

Durante as nossas conversas informais, percebemos algumas palavras, do tipo “sou mulher corajosa”, ou seja, “para elas ser mulher guineense é ser corajosa”. A coragem é destacada, porque para elas, não é nada fácil sair do seu país, da sua área de conforto para enfrentar as dificuldades e sempre de cabeça erguida para buscar uma formação de qualidade num lugar desconhecido, com hábitos, costumes e cultura totalmente antagônicos.

Consideram-se corajosas porque, quebraram paradigmas às quais as suas mães estavam submetidas. Mulher cujo lugar é na cozinha, cuidar do lar, são guerreiras porque lutam e enfrentam desafios para terem formação superior. Entretanto reconheceram o apoio incondicional das suas mães.

*“A minha mãe contribui muito para que eu estivesse aqui hoje”*

Subentende-se, o quão os papéis dos pais ou famílias são importantes na formação de cada uma. São primeiros responsáveis de educação dos seus filhos, podem influenciar positivamente ou negativamente com pequenas ou grandes iniciativas como, por exemplo,

ensinar que os trabalhos domésticos são responsabilidade de todos e mostrar que os homens e as mulheres têm mesmos direitos e deveres.

Sabemos que muitas vezes existem as situações diferenciadas da mulher africana em especial guineense, situações distintas de acordo com as culturas de cada povo, principalmente no setor rural, mas existe um caminho para contrapor-se à essa situação, ainda que seja cultural.

O direito a educação para todos é o caminho, e a criação de políticas públicas para mudanças desse contexto, valorizando a cultura, mas também valorizar a mulher. E ela não merece nenhum tipo de discriminação meramente pela sua condição humana, sexo feminino.

Nesse trabalho, nos formulamos as seguintes questões:

- *Como essas jovens aprenderam a ser mulheres em seus países de origem e ambientes? Como o ambiente em que por ora estão inseridas no caso, CE-Brasil, têm afetado suas concepções prévias acerca disso?*
- *Quais são as variações que podem ser percebidas, dependendo das etnias?*
- *Essa conformação muito rígida da relação entre os gêneros é motivada pelo que?*

Não necessariamente, a língua falada pela mãe ou o pai é a primeira língua que a criança teve contato. Normalmente, a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua que se fala na comunidade em que a criança está inserida.

O fato interessante que aparece muito no campo é a forma sob a qual as crianças são educadas pelas mães e os pais, de forma que tentam preservar os hábitos e costumes.

Entra uma questão importante que aparece muito no campo na casa das estudantes mãe: o comportamento. Claro que o crioulo como uma língua identificadora para os Guineenses na Unilab, que é falada em qualquer lugar, pois, ninguém fala o crioulo com as crianças, conclui-se que tem a ver com o espaço geográfico, o meio social que elas estão inseridas.

Independentemente de manter as tradições e conservar as memórias coletivas de um povo, porém a cultura está em movimento o tempo todo, portanto, temos que nos adaptar a novas circunstâncias. Em suma, os contatos com culturas diferentes são altamente enriquecedores.

A transformação das relações de gênero pode ter alguma relação com a transformação nas tradições (ritos, religião, TV, novas mídias), tanto que tinha as praticas

de excisão feminina como uma prática ligada à cultura e religião, que tem sofrido questionamentos que têm provocado algumas transformações nas mentalidades, comportamentos e atitudes, sobretudo por pressão das próprias mulheres aculturadas.

De modo geral queremos deixar claro que apesar das interlocutoras serem guineenses, o pertencimento de grupos étnicos são diferentes. Portanto, etnia se caracteriza como sendo p “um grupo de indivíduos ligados por um complexo de caracteres comuns – política, história linguísticos antropológicos, etc. – onde os grupos das pessoas se constituem um sistema próprio, uma estrutura fundamentalmente cultural: essa cultura de coletividade se alimenta de um passado de caráter relativamente mítico”. Dessa forma acrescentemos que, “a etnicidade refere-se a um conjunto de atributos ou de traços tais como a língua, a religião, os costumes, o que a aproxima da noção de cultura, ou à ascendência comum presumida dos membros, o que a torna próxima da noção de raça”. (GLAZER & MOYNIHAN, 1975 apud (POUTIGNAT e FERNART, 1998:86).

Ainda os dois autores: Poutignat e Fernart (1998: 27), definem a etnicidade como um conceito “presente na época moderna, precisamente por tratar-se de um produto do desenvolvimento econômico, da expansão industrial capitalista e da formação e do desenvolvimento dos Estados-nações”.

### **3.8- Ser mulher e guineense em uma situação de deslocamento**

“ami nta difini nha cabeça suma mindjer guerrera, corajosa e batalhadora, pabia i ka fasil u dixa bu familias na bissau u bim fica na brasil pa tempu ku ka sibi ora di riba...ku manga di tarbadjus di scola, ma nô kata iabri mon tan di brinca dê, porki no precisa di tempu libri tan di relaxa tira stres di leituras... Nô ka muito tene opção di brinca li tchiu pabia Scola ka ta danu tempo, son si aniversario, chá di fralda ou festa di 24 di setembro ku sedu mais ou menos atividades ku alguim ta bai”... (caderno de campo, 20 de março de 2016)<sup>5</sup>

A sociedade guineense é construída com base no modelo patriarcal, logo, as mulheres continuam enfrentando dificuldades para se libertarem dessa educação imposta pela sociedade machista guineense, tanto no âmbito cultural, econômico, político e social.

---

<sup>5</sup> Tradução; “Eu enquanto mulher guineense me auto defino, como mulher guerreira, corajosa, e batalhadora, visto que não é nada fácil, deixar os familiares em Guiné-Bissau, aceitar enfrentar as dificuldades e seguir um estremo cansativo que nem se quer sabemos quando vamos acabar e qual será o nosso fim. A vida aqui é uma vida meio de prisão, não temos muitas opções de lazer porque a cidades não nos oferece espaços para tal. E o nosso compromisso universitário também não nos dá tempo de muitas brincadeiras e diversões. Apenas aproveitamos festas de aniversários dos colegas, chá de fraldas, e 24 de setembro festa da nossa independência, são apenas eventos festejos dos quais eu participo.



Apesar das mulheres guineenses serem maioria no sentido de quantidade numérica em termo de população, continuam sendo excluídas majoritariamente na liderança política e nos órgãos de tomada de decisão do Estado, porque são menos alfabetizadas, ou seja, têm menos acesso á escolarização (educação formal).

Semedo (2011:06) afirma que há uma grande disparidade no ensino na Guiné-Bissau, com relação aos meninos e as meninas. Entretanto, as meninas são as mais prejudicadas pois sempre são chamadas pelas mães para ajudarem nos trabalhos domésticos, assim como nas atividades geradoras de rendimento (economia informal) tido como principal sustento da família. Ainda aparece o fator de casamento e as gravidezes precoces que não favorecem a participação das meninas na escola. Todos esses elementos contribuem muito na fraca participação da mulher guineense na vida política e nas esferas de decisão.

Tradicionalmente, as mulheres guineenses dominam o setor informal da economia do país e do trabalho domestico, entretanto, Gomes salienta que o “fenômeno da pobreza atinge, sobretudo as mulheres com idade entre os 15 á 31 anos, faixa etária de juventude, e já para os de 65 anos a situação já é mais precária, o que significa que a faixa mais vulnerável é a das jovens e a das idosas”.

### 3.2.1. **Experiências**

Como já havíamos abordado sobre objetivo das interlocutoras guineenses em diáspora, que é de formar-se e depois voltar para o país de origem dando suas contribuições, garantir o emprego, com intuito de melhorar as condições de vida.

A estadia das estudantes no país acolhedora, é reconhecida como uma vida tranquila, no que tange a produção acadêmica, no qual se pode adquirir o conhecimento necessário para viver e obter um futuro melhor. *“apesar de ser interior do estado de Ceará, é um lugar tranquilo para estudar”.*

Durante este período de aprendizado no campo percebemos que, essas mulheres “imigrantes”, o fato de terem saído dos seus países de origem, despertaram nelas uma curiosidade e um olhar mais atento sobre as suas culturas de origem, o fato que às vezes não demos atenção enquanto estamos nos nossos países. Percebemos durante a pesquisa um discurso marcado pela nostalgia das estudantes, realçam com mais ênfase, os valores das suas culturas de origem, falam de coisas boas, de lembranças de tipo de prato de comida, trazes, a família, amigas de infância, enfim toda cultura... *“saída do seu país de origem é melhor coisa que existe no mundo, todas as pessoas deveriam ter essa*

*oportunidade de viajar sempre” [...] “com a minha saída do meu país descobri o amor incondicional e admiração da minha família, a cultura maravilhosa que o meu país tem”.*

Em suma concluímos que “imigrar” é processo de aprendizagem, por que nos envolvemos num meio de interação de culturas diferentes e com o passar do tempo, adotamos certos valores e padrões culturais do país acolhedor. É justamente o que acontece com as estudantes.

Portanto, tal fato gera mudanças nas suas vidas, pois os papéis tradicionais sofrem processo de remodelação e são incorporados dentro da vida cotidiana.

Apesar do gênero em Guiné-Bissau, ser entendido ou construído com base num pensamento patriarcal, onde o homem é considerado como “chefe” da família, a mulher é tida como cuidadora do lar, as mulheres guineenses em diáspora, principalmente as nossas interlocutoras tiveram uma visão um pouco diferente de acordo com as suas interações com relação às culturas e hábitos distintos.

**Figuras 4 e 5 – Menino e menina com seus brinquedos**



**Fonte/Créditos: Acervo pessoal da autora**

De modo que, as que são mães educam os filhos de forma diferente, com o cuidado de não reproduzirem as desigualdades fundamentadas na política altamente machista. Mas vale salientar que, ainda pode se perceber alguns traços de entendimento e de construção de gênero orientadas por cosmovisões oriundas das culturas do país de origem. O interessante é que, apesar de estarem neste universo da construção de identidade de gênero que não é uma definição única e absoluta, os pais tentam manter o padrão de gênero de

origem, determinar as coisas que as crianças devem ou não devem fazer, a suposta definição do gênero do que é ser menino e menina, como pode ser percebido por meio da escolha do vestuário e dos brinquedos convenientes a meninas e meninos, respectivamente. Essa suposta definição argumentada pelas mães guineenses, se materializa no uso dos brinquedos e vestuários: a menina tem que brincar de bonequinhas, ursos, panelinhas, como pré-requisitos de preparação para sua futura tarefa como mãe, e seu lugar na cozinha. Ao passo que o menino lhe cabe brincar de carro, violão, sendo que ele futuramente pode ser um motorista, cantor, e jogador, vida privilegiada e reservada ao menino.

Tendo como base os dados empíricos obtidos a partir da investigação de campo percebemos as (des)igualdades de gênero, nas casas das estudantes guineenses na diáspora. Os resultados recolhidos nos permitem concluir que as mães estudantes guineenses, apesar de estarem preocupadas e atentas na luta sobre essa desigualdade de gênero, ainda reproduzem de forma inconsciente a prática de desigualdade de gênero. Essa desigualdade “implícita” é vista na compra de objetos de uso da criança, e nos certo comportamento das mães pesquisados.

Durante a pesquisa do campo uma mãe disse o seguinte: *“olha a minha filha tem um modo de andar tão estranho, anda como o pai dela, ela saiu totalmente o pai, ela tem que mudar o muda de andar, tem que andar como uma mulher”*.

A outra disse: *“O menino tem que ser homem, tem que apanhar, ele tem que sofrer para poder ter coragem, o homem precisa de coragem, deixa-lo cair, tem que cair para habituar. Se fosse mulher seria outra coisa”*

Essa fala das duas mães contraria de uma maneira implícita a luta pela desigualdade, elas não perceberam que ao afirmarem isso, estão de uma maneira a categorizar o perfil de cada gênero e mantendo assim uma desigualdade. Entende-se claro que o menino é que tem direito de cair, apanhar, e menina não. Essas mães mantêm o dito “padrão de gênero” de origem, ao determinar as coisas que as crianças devem ou não devem fazer, enquanto menino ou menina.

Entretanto e de modo geral, essas mães lutam para quebrar as praticas tradicionais, praticas essas que mantêm a desigualdade sociais. É importante ver a quebra da construção de que uma mulher é responsável pelo lar.

*“O papel do pai em casa principalmente nós estrangeiras é muito fundamental, porque lembro quando chegou a nené fiz sessaria não podia nem levantar da cama, não fazia praticamente nada, nem tomar banho conseguia, e ele cuidou de nós, a partir da limpeza,*

*cozinha, lavar as fraldas, a minha roupa [...] de forma geral tudo que você pode imaginar”.*

**Figura 6 – A pesquisadora em seu campo**



**Fonte/Créditos: Acervo pessoal da autora.  
Foto tirada por Juvnilda Rodrigues Ussain**

As mulheres guineenses na diáspora dividem as tarefas de casa com homens, não existe a cozinha para mulher e jogo para homem, tanto os que moram com os primos, amigos, namorados e principalmente para os que são mães e moram com pais das crianças. Ressaltando que não são todos os parceiros que se sentem bem com essas mudanças. Alguns homens ainda pensam que ao morarem com as mulheres então estavam dispensados de cozinha, lavar pratos e limpar a casa.

É muito presente nas falas das nossas interlocutoras o crescimento pessoal que alimenta a experiência de enfrentar uma nova cultura, que possibilita conviver com todas essas diferenças culturais (multiculturas), onde vão enfrentar os novos desafios de maneira positiva.

Percebe-se que a saída do país de origem, é de uma forma a outra, sair da nossa zona de conforto. As “imigrantes”, descobrem a habilidade de liderar e capacidade de gerenciar os conflitos. Tanto que morar fora é uma forma de criar independência e confiança. Essa experiência enriquecedora, também é desafiadora: viver longe da casa, família e amigos, criam nova rotina. Ainda aprender o sistema educacional do outro país é abrir mão de tudo que já tínhamos construído.

Encontramos no nosso campo a mulheres autônomas com personalidades fortes, decididas. Não submetidas como outrora pensamos, tentam romper com aqueles “paradigmas pré-estabelecidos. Vimos tipos de mulheres cuidadosas consigo mesmo e aos demais. Mulheres cuja prioridade é o estudo.

As estudantes sonham e continuam sonhando. Sonham de um dia cursar o ensino superior, hoje estão cursando e continuam sonhando de voltar para o país da origem para contribuir de alguma forma no desenvolvimento. Acreditam que qualquer desenvolvimento depende da juventude e sentem essa responsabilidade.

O sistema de ensino federal Brasileiro oferece várias possibilidades de formações acadêmicas num custo simbólico para todos os estudantes estrangeiros, por isso querem aproveitar dessas oportunidades. Portanto, a Unilab, oferece muitas vantagens, a começar pela qualidade do ensino, a interação e diversidades culturais. Tanto que o governo brasileiro através de ministério de educação (MEC) oferece aos estudantes, incluindo os estrangeiros, auxílios para moradia e alimentação e acesso ao transporte universitário (ônibus). Essa universidade federal brasileiro (Unilab), apesar de ser novo é uma referência em muitas áreas. Há oportunidades para diversas formações em graduação, cursos especializados.

Mas mulheres, estudantes guineenses, ainda sendo estudantes cujos vistos não permitem fazer qualquer tipo de trabalho remunerado, apenas vivem do auxílio estudantil e tendo em conta a alta de preços dos produtos de primeira necessidade, e aluguel de casa, o auxílio estudantil não consegue corresponder às necessidades. Então, elas no uso das sua autonomia, providenciam e tentam comprar e revender produtos cosméticos: perfumes, cremes, batons, etc... Para comunidade internacional e nacional, como uma forma de não depender total e exclusivamente apenas de seus pais. Nessa compra e revenda de produtos, o lucro pode servir para a compra de roupas, e até materiais de escola. Pois não se pode esperar tudo dos encarregados.

“Alguim ta kudji kudji nan bo, pa pudi djuda nha cabeça... papia ki auxilio ka ta tchiga nada... e vida di manda kussas sin pa Bissau bondé, ita djudan nan na mangas di kussas” (caderno de campo, 27 de outubro de 2016)<sup>6</sup>

Elas lutam por uma independência, e aconselham sobre uma necessidade de boa gestão dos nossos recursos. “*nunca gaste o que ganha*”, portanto, levam muito cuidado de

---

<sup>6</sup> Tradução: Eu pessoalmente envio as coisas para Bissau, para vender, pois isso me ajuda em muitas coisas. Não posso esperar tudo alguém tenho que usar o mecanismo de auto-ajuda.

gastar mais do que recebemos e posteriormente entrar nos empréstimos. *“devemos poupar esse dinheiro, porque é ele que nos mantém aqui, principalmente eu não tenho um parente que vai me enviar o dinheiro todo mês, nem o meu pai tem, pois tenho os meus irmãos que precisam também de estudar”*

### **3.3.As experiências e desafios das mães acadêmicas**

Ser mãe e ser acadêmica simultaneamente é uma tarefa complicada, que até certo ponto parece quase impossível, ainda torna-se mais complicada quando a criança é recém-nascida. Dentre as nossas interlocutoras, as duas mães sentem-se limitadas para realizar certas atividades acadêmicas. Por exemplo, participar de conferências e colóquios nas outras universidades de outros estados. Com quem deixar a criança? O pai até consegue, mas já é mais difícil para a mãe. Tal fato de uma forma ou outra vai mexer com a rotina e desenvolvimento acadêmico dos pais mas sobretudo, com a mãe.

As rotinas mudam, as dificuldades aumentam, mas os sonhos não morrem. Pois, os casais não abrem mão dos sonhos, continuam acreditando neles. Adaptar uma nova realidade é difícil, mas não é impossível. Cabe aos dois conciliarem essa vida dupla (mães e acadêmicas). Para os pais não importa se filho é planejado ou não, o que lhes importa é cuidar desse filho, pois o fato já está consumado.

Os desafios são grandes para as mulheres mães acadêmicas, juntar a vida estudantil e a vida acadêmica, Os momentos dedicados aos trabalhos da faculdade e o cuidado no sentido de amamentação. Felizmente que todos estudam no período noturno, fato que permite o adiantamento de alguns trabalhos durante período normal. Mas o outro problema reside com quem deixar a criança quando os dois forem para as aulas a noite?

Como a universidade ainda não tem creche, elas se sentem muito limitadas em relação à locomoção, e como não tem como não ir para as aulas, tinham que procurar “baba” que possa os ajudar nesse intervalo de tempo. E outro deixa o filho e o pai, porque o pai estudava no período de manhã.

Pude notar a participação ativa dos parceiros na divisão das tarefas da casa e nos cuidados com o bebê. E isto é bastante importante para a mulher acadêmica, principalmente estrangeira. O estudo a distancia também facilitou muito nos primeiros momentos das mães, algumas tarefas eram encaminhadas via sigla e poderiam e fazer os trabalhos que os cabiam.

### 3.4. Rotina quotidiana das estudantes

O filho é alegria sempre para os pais, mesmo com tantas dificuldades em nenhum momento eles se sentem arrependidos de tê-lo. Passar dias e noites em claro e não ter tempo nem mesmo de almoçar direito ou escovar os dentes, ou pentear o cabelo. Mas o ânimo e alegria é demais, eles se sentem muito felizes e realizados de ter um integrante da família para dividir os carinhos.

**Figura 7 – Um bolo de aniversário infantil**



**Fonte/Créditos: Acervo pessoal da autora.  
Foto tirada por Satumata Sanha**

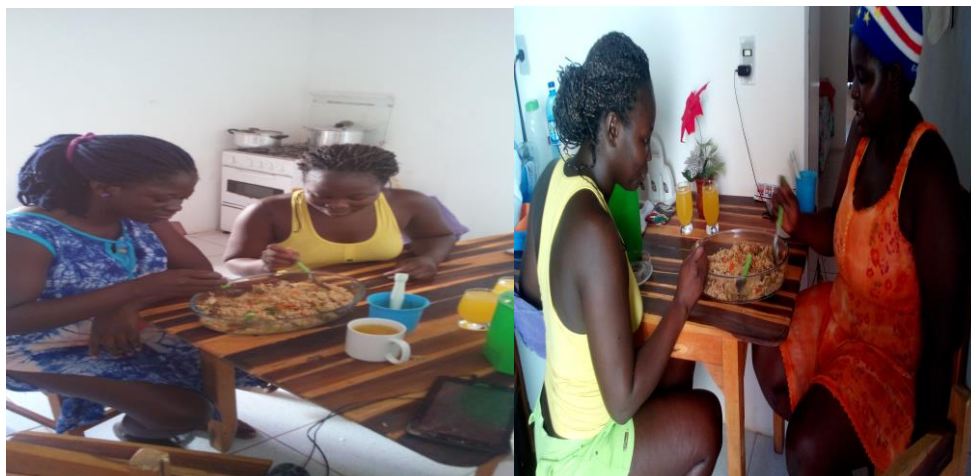
Outro momento especial de um dos pais foi o primeiro aniversário natalício do filho, a primeira vez de apagar as velinhas. A criança nessa fase não entende o quão é importante comemorar um aniversário, porém os pais entendem perfeitamente que ela está crescendo cada dia e esse crescimento da criança gera alegria. Por isso os pais compartilharam essa alegria com a comunidade organizando uma festinha, da qual a comunidade participa, levando presentes para a criança, reconhecendo, afirmando e celebrando sua presença no meio da comunidade.

Na festa em que participei, havia musicas, onde todos estavam num clima de animação e diversão. O interessante é que apesar da festa ser de uma criança de um aninho, o publico alvo era composto majoritariamente de jovens. Também é relevante destacar a presença da comunidade local (brasileiros) como forma de solidariedade e harmonia.

A partir da nossa observação percebemos que o envolvimento ativo de toda comunidade acadêmica, principalmente os conterrâneos das duas mães no processo de educação e ajuda na assistência das crianças. As pessoas, por ocasião da festa relatada, mostravam solidariedade para com as mães, as ajudando quando estas estavam ocupadas com muitas tarefas. As duas crianças são queridas pela comunidade. Todo esse comportamento, essa ajuda mutua, demonstra forte solidariedade e interesse de participação na formação

integral das crianças. Pois elas são vistas como uma benção tanto para os pais, assim como para a comunidade em geral.

**Figuras 8 e 9 – “Comer juntas”: momentos de refeição no campo**



**Fontes: créditos: Acervo pessoal da autora**

É importante ressaltar o modelo de refeição na casa das estudantes; elas geralmente almoçam juntas. Esse modelo de almoço está mais ligado aos hábitos ou valores culturais guineenses. Justifica-se que esse serve para reforçar a afetividade da família e manter um espírito de partilha, comem juntas compartilhando o pouco que têm. Desse modo a comida é servida no mesmo recipiente (bandeja), dependendo de quantidade das pessoas.

No país de origem (Guiné-Bissau) era fundamental essa união, pois é o momento em que os mais velhos possam transmitir alguns ensinamentos relacionados à vida.

Na diáspora esse habito de comer em conjunto mantém a finalidade e significado e ainda aumenta o sentimento de união, fortifica amizade e confiança.

Praticar regularmente o desporto, como atividade física, ajuda manter o padrão de beleza com *peso saudável*. Além de reduzir o risco das doenças cardíacas, ajuda a melhorar o humor, diminuir a depressão e garante o nosso bem estar.



**Figuras 10 e 11 – Desporto, esporte, lazer**



**Fonte/Créditos: Acervo pessoal da autora**

*“Qualquer desporto bom pa nô saudi, principalmente é estudu di unilab, ku djintis nel stress tudo ora”.<sup>7</sup>*

**Figura 11 – Desporto, esporte, lazer**



**Fonte/Créditos: Acervo pessoal da autora/  
Foto tirada por Isadora Araújo**

Finais de semana e feriados são aproveitados como momentos de lazer, momentos estes em que as estudantes guineenses com a comunidade local (brasileiros(as)), juntam-se para descontraí, brincar, conversarem para trocarem as impressões. E assim surgem possibilidades de integração e partilha entre modos de ver e viver negro-africanos e de brasileiros, geralmente pouco dados a vivenciar situações de convívio interracial, a

---

<sup>7</sup> Tradução: *Seja qual for tipo de desporto, é bom para saúde, pois perante essas correrias diárias na Unilab, é bom praticar desporto para descontraí.*

considerar que estamos instalados em uma cidade do interior do Brasil, ainda muito influenciada por ideias e preconceitos relativos à participação e presença negra.

Às vezes, fazem uma saidinha, para conhecerem novos lugares tranquilos, que nos permitem sentir ou entrar em contato com a natureza, uma companhia fraterna entre amigas, de diferentes nacionalidades.

Mais uma vez tratando da educação de meninas e meninos, é possível reparar que como havíamos referido que o menino traz ao seu redor os objetos de brincadeira, carro, violão. São objetos que o nosso discurso considera como úteis e adequados para um menino, o menino já cresce com essa ideia de que ele pode ser motorista, guitarrista. Mas com a menina isso não acontece.

**Figuras 12 e 13 – Desporto, esporte, lazer**

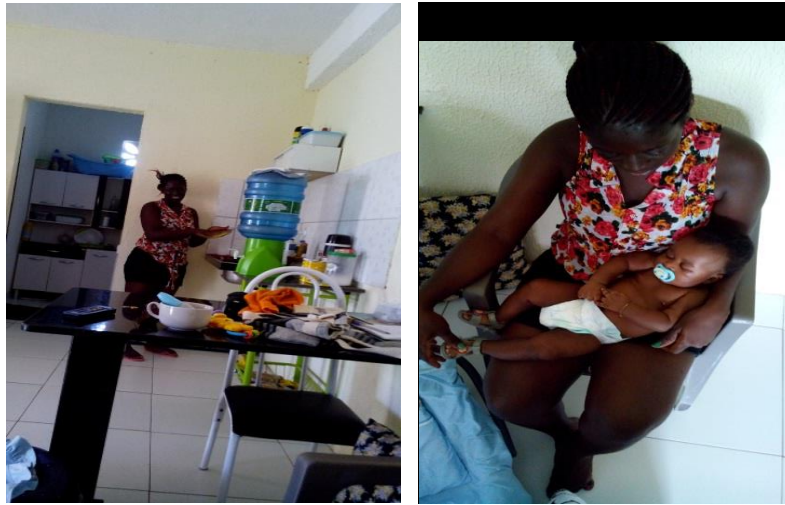


**Fonte/Créditos: Acervo pessoal da autora**

A menina está rodeada de objetos que o poder de discurso o reserva, ela tem apenas direito de brincar com objetos como bonecas, para lhe ensinar que o seu lugar já está reservado, ela como mulher mãe, cujo lugar é na cozinha. Ela não tem nem se quer um carro, um violão, nem a bola. Porque esses objetos não têm ensinamentos para ela e não a cabe.

São evidências da maneira como se instruem e condicionam comportamentos tidos como masculinos ou femininos por meio da família.

**Figuras 14 e 15 – Pesquisadora no campo**



**Fonte/Créditos: Acervo pessoal da autora**

Normalmente as mães montam uma agenda dividindo os dias da semana para cada uma das tarefas. Mas, nos períodos de campo me encaixei em algumas, de ajudar com as tarefas domésticas e cuidar do filho, como a imagem aponta. Estar no campo é um processo de construção conhecimento, na qual nos permite colobrar nas atividades que estão sendo realizadas, de uma forma geral é fazer parte, vivenciar e interagir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) teve como objetivo geral fazer um estudo etnográfico sobre a presença das estudantes guineenses no Maciço de Baturité, no Estado do Ceará- Brasil, problematizada a partir dos conceitos de gênero e diáspora negro-africana.

Em Guiné-Bissau a participação das mulheres em qualquer setor de tomada de decisão é limitada em todos os níveis, então deve ser melhorada e apoiada sem demora. Embora a categoria de gênero, (homem e mulher) esteja em movimento tanto, que a presença igualitária das mulheres nos órgãos de tomada de decisão torna-se apenas um primeiro passo à igualdade de gênero, é um passo necessário para apresentar as preocupações das mulheres e para que estas sejam vistas e ouvidas em situações e assuntos que lhe digam respeito.

As experiências compartilhadas em um novo país, em um novo contexto implicam a reformulação de expectativas e lugares. Implica, pois, na redefinição ou mesmo na afirmação dos pertencimentos indenitários, pois como foi colocado no início desse trabalho, concebemos alteridade e identidade como um processo relacional.

Considerando o aspecto relacional de todo processo indenitário, o exercício de refletir sobre o que é ser uma jovem estudante guineense em um contexto de diáspora, para além dos inúmeros questionamentos que o problema colocado demanda, torna-se relevante enfatizar a importância de se valorizar o princípio da diferença.

Aceitar e conviver com diferenças são ainda um desafio que talvez possa ser superado a partir de novas e necessárias pesquisas que se debrucem sobre o lócus que as diferenças ocupam nos imaginários de africanos e afro-descendentes que partilham heranças que vão além da cor de pele negra e de traços anatômicos semelhantes. No entanto, historicamente há condições e situações diversas e diferenciadas que exigem maior entendimento e compreensão, de modo a que cheguemos a um patamar de real “integração”.

Por outro lado, com relação às questões colocadas pelas diferenças de gênero, acredito na necessidade de políticas públicas como uma das atividades que devem ser mobilizadas pelo conjunto da sociedade civil e asseguradas pelos Estados, de modo a viabilizar direita e efetiva cidadania às meninas, jovens e mulheres na convivência com os meninos, rapazes e homens.

Ora, precisamos profundamente desconstruir o pensamento do colonizador, no entanto, as nossas mentes são colonizadas e ao naturalizar as categorias, funções (o que deve o que não deve), somos apenas independentes institucionalmente, mas não paramos de reproduzir as expectativas do dominador.

Se isso não mudar, estaremos a reproduzir padrões de vida e existência que não promovem a superação das desigualdades fundadas na ignorância representada pelos preconceitos, que por sua vez, geram estigmas e discriminações.

Muitas estudantes do campo da pesquisa revelaram, em conversas informais, estarem surpresas pelo lugar ocupado pela África no imaginário social dos brasileiros, tanto no meio universitário, mas principalmente fora deste. O conhecimento que os brasileiros detêm sobre o continente africano é mínimo. A maioria demonstra que a imagem que eles têm sobre o continente africano passa pelas informações recebidas dos órgãos de comunicação, “a mídia” como a televisão, onde o continente e os africanos são associados ao sofrimento, pobreza, desgraça, guerra, fome, selva, violências e etc..

Então, creio que a desconstrução desse pensamento é um algo muito complexo, não fácil. Em razão não se trata só de aprender, mas, em muitas situações temos que aprender a desaprender, saber criticar, questionar, desobedecer, não nos submeter a todas as ordens dessa modernidade.

Percebemos, o início da desconstrução de alguns pensamentos ligado à cultura os hábitos nos estudantes guineense na Unilab, que serão futuros/as profissionais de Guiné-Bissau.

As nossas interlocutoras reconhecem os aspectos positivos na experiência que a diáspora lhes favorece, como a oportunidade de estudar numa universidade federal brasileira que proporciona um ensino de qualidade e de conhecer outra cultura. Também apontaram as dificuldades enfrentadas, como: o preconceito, o racismo, que provocam situações de assédio em todos os níveis.

Assim, ao longo deste trabalho procurou-se abordar as inter-relações entre as estudantes vindas do continente africano (Guiné-Bissau) com a sociedade de acolhimento, seja essa universitária, e também refletindo como essas se estabelecem num meio temporário e conflitante, corroborando para compreensão dessa mobilidade estudantil.

Temos visto nos variados trabalhos produzidos por estudantes estrangeiros o reconhecimento dessa integração e interiorização, com agradecimentos de solidariedade e gratidão. No entanto, esse trabalho mostra outra frente, na qual podemos identificar a

desconstrução de “uma única historia” baseada na suposta e confortável ideia de harmonia e consenso.

Só haverá verdadeiro respeito a partir do interesse mútuo pelo conhecimento acerca do mundo (físico, humano e espiritual) daquelas e daqueles que convivem e partilham o mesmo espaço-tempo. A Universidade é um cenário e um laboratório ideal para propiciar o debate franco e abalizado que se faz urgente e necessário.

## REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, p.2004. 319 Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 2006 12, n. 25, p. 301-306, jan./jun. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n25/a18v1225.pdf> acesso em: set de 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngosi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Tradução: Estela dos Santos, Abreu e Claudio C. Santoro-Campinas: Papyrus, 1993. (coleção Oficial de arte e forma)

AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombros: a literatura guineense e a narração da nação*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ, 2005. 387 p. (Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, na especialidade das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa)

BASTOS, Ana Paula Pinto. **A diáspora africana numa trajetória geográfica, territorial e libertadora: da África ao Brasil (a liberdade em Redenção)**. *Cadernos de Geografia n° 34 - 2015 Coimbra, FLUC - pp. 65-72*

BAMISILE Sunday Adetunji: **questões de género e da escrita no feminina na literatura africana contemporânea e da diáspora africana**. Lisboa 2012,p.01-519

BOURDIEU, Pierre: **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kahner. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002, p. 160.

CABRAL, Amílcar. **A arma da teoria. Unidade nacional**. Lisboa, Vol. I, Seabra Nova, 1978 (*Obras escolhidas de Amílcar Cabral*, coord. por Mário de Andrade, vol. I) Coleção "Os Pensadores", Abril Cultural, São Paulo, 1978.

CASIMIRO, Isabel. **Relações de género na família e na comunidade em Nampula**. Maputo: Cruzeiro do Sul (Instituto de Investigação para o Desenvolvimento), 2000.

CANCIAN, Juliana Raguzzoni. **O contexto da diáspora na construção da identidade cultural: a experiência do personagem José Viana, do romance Sem Nome, de Helder Macedo**, idenwww.bocc.ubi.pt. p.1-12. 2007

CARMO, Aline Cristina Oliveira do. **Diáspora e Atlântico Negro. Pós-colonialismo1 e Diáspora Africana: Analisando a ideia de Justiça na contemporaneidade2**

COLLIER Jr., Jonh. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU/Ed.da USP, 1983

JOANA, Benzinho \MARTA, Rosa. **[Guia Turístico]: Descoberta da Guiné-Bissau**: Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/24377839/a-descoberta-da--guine-bissau>.

GEERTZ, Clifford. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós, 1989

GIL, António Carlos, 1946-. **Elaborar projetos de pesquisa** / António Carlos Gil. – São Paulo: Atlas, 2010

*GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica*. Nuno Godolphim.- Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

GOMES, Godinho PATRICIA. **Na senda da luta pela paz e igualdade**. O contributo das mulheres guineenses. BUALA, 08 de Março 2012. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/mukanda/na-senda-da-luta-pela-paz-e-igualdade-o-contributo-das-mulheres-guineenses>> Acessado em: 14 de Agosto 2016

GOMES, Patrícia. “**La mujer y el poder en Guinea Bissau: la lucha armada, los años 80 y el nuevo contexto político y económico.**” In: Nova África, jan. 2009, n.º 24.

GOMES, Patricia: “**Guinea-Bissau e isole di Capo Verde: partecipazione femminile alla lotta politica**”. CARCANGIU Bianca Maria (a cura di): *Donne e potere nel continente africano*. L’Harmattan Italia (ristampa corretta 2006). Torino, 2004, pp.192-244

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guarda Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 410

\_\_\_\_\_. INEC (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E CENSOS). **Guiné-Bissau em Números 2014 Bissau**: Nova Gráfica, Lda, 2014. Disponível em: <[http://www.stat-guinebissau.com/publicacao/GB\\_Numerofinal\\_Publica%C3%A7%C3%A3o1.pdf](http://www.stat-guinebissau.com/publicacao/GB_Numerofinal_Publica%C3%A7%C3%A3o1.pdf)>. Aceso em: 17 agosto. 2016

KOZLOFF, Max. **A subjetividade; a fotografia e suas múltiplas leituras**. In: COLÓQUIO LATINO-AMERICANO DE FOTOGRAFIA, 2. Feito na América Latina. 1986.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Guacira Lopes Louro, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

*MAGNANI* ,José Guilherme Cantor. **ETNOGRAFIA COMO PRÁTICA E EXPERIÊNCIA**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

MATOS, Maria Izilda S. de. **Na rama do cotidiano**. *Cadernos Ceru*, 5(2): 13-27, 1994  
\_\_\_\_\_. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, Eni de Mesquita. (org.). et alli. *Gênero em Debate: trajetória e perspectiva da historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997. p. 83-114.

MENDES, Livonildo Francisco. **Modelo Político Unificador – Novo Paradigma de Governação na Guiné-Bissau** (pp. 239-240; 251-254). Lisboa: Chiado Editora, 2015



MOREIRA, Domingos. **Políticas públicas de alfabetização de massa na Guiné-Bissau**, Domingos Moreira. RIO DE JANEIRO – RJ 2006.

MORESCHI, Paulo César Boni, Bruna Maria Fotoetnografia: **a importância da fotografia para o resgate etnográfico**, pp. 137-157 Doc On-line, n.03, Dezembro 2007, [www.doc.ubi.pt](http://www.doc.ubi.pt)

NOBRE, Nalu Faria e Miriam. **O que é ser mulher? O que é ser homem?** Subsídios para uma discussão das relações de gênero. p.1-16

NOVAES, Sylvia Caiuby, **“O uso da imagem na antropologia”** in Etienne Samain, O Fotográfico, São Paulo: Hucitec, pp.113-119, 1998

OYEWUMI, Oyeronke. **Conceptualizando el género: Los fundamentos eurocéntricos de los conceptos feministas y el reto de la epistemología africana**: africanando. Oyeronke Oyewumi\ Revista de actualidad y experiencias nº. 04, 4º trimestre 2010. Disponível em : [www.africanando.org](http://www.africanando.org) > Acessado em: 2016.

PIMENTELL, Clara Alencar V. **A diáspora africana e suas implicações na figura da mulher negra na sociedade atual**, ano: 2010. <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-di%C3%A1spora-africana-e-suas-implica%C3%A7%C3%B5es-na-figura-da-mulher-negra.pdf>. Acesso em: 20 de setembro 2016

PINHO, Osmundo de Araújo. **Etnografias do Brau: corpo masculinidade e raça na reafirmação em Salvador**\ Estudos Feministas, nº13(1) p.127-145, 2005

LOPES, Carlos. 1982. **Etnia, Estado e relações de poder na Guiné-Bissau**. Lisboa: Edições 70.

———. 1999. Kaabunké: **Espaço, Território e Poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance Pré- coloniais**. 1ª ed. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

PINTO, Paula. **Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau: Uma perspectiva interpretativa do desenvolvimento** / Paulo Pinto, - 2009. 70 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos) – Centro de Estudos Africanos, Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.aberto.up.pt/bitstream/10216/23213/2/tesemestpaulapinto000093779.pdf>>. Acesso em: 19/08/2016.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF\_FERNART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguidade Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

ROCHA, E. Etnografia: **saberes e práticas**. In: PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B. Ciências humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Universidade, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. IN: Mulher e realidade: mulher e educação. Porto Alegre, Vozes, V. 16, nº 2, jul/dez de 1990. <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2016.

SOUZA, Marcos J. N. FREIRE, Luciana M. **Geografia e Questão ambiental no estudo de paisagens de exceção: o exemplo da serra de Baturité-Ceará**. Boletim Goiano de geografia. Goiânia, n. 2, v. 26, 2006

SPELLER, Paulo. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Unilab. Disponível em: [ttp://www.pucrs.br/edipucrs/cplp/arquivos/speller.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/cplp/arquivos/speller.pdf)>. Acesso em: 12/08/2016. trabalho. Tomo Editorial; Palmarinca. Porto Alegre. 1997.